

Temas Económicos

Número 30

Janeiro de 2015

Comércio bilateral entre os membros do Fórum Macau de 2003 a 2013

Ana Rita Fortunato

Resumo

A criação do Fórum para a Cooperação Económica e Comercial entre a China e os Países de Língua Portuguesa (PLP), em 2003, veio dar um novo alento às relações bilaterais entre os seus intervenientes.

O presente estudo explora as relações comerciais entre os parceiros deste mecanismo para o período 2003-2013, recorrendo a três óticas distintas: a ótica da China, enquanto criadora do Fórum; a ótica de Macau, enquanto plataforma de ligação entre China e os PLP; e a ótica de Portugal, enquanto ex-soberano sobre os territórios que hoje se designam por Países de Língua Portuguesa.

O interesse chinês face a cada um dos parceiros lusófonos é distinto e está bem patente nas trocas comerciais efetuadas no período estudado. Pequim tem usado o mecanismo sino-lusófono para se aproximar de países ricos em recursos e que se encontram em franca expansão, tais como Brasil e Angola. Macau tem tido um papel simbólico mas importante na prossecução deste objetivo. As características lusófonas desta Região Administrativa Especial têm sido instrumentalizadas pela política externa chinesa como porta para os países de língua portuguesa. Este processo poderá proporcionar a Macau uma diversificação da economia e a reaproximação ao antigo império colonial português, do qual fez parte.

No que concerne a Portugal, a análise efetuada aponta para um ligeiro aumento do comércio bilateral com alguns membros do Fórum, com especial destaque para Angola e China.

^a Estagiária PEPAC.

Índice

| | |
|--|-----------|
| 1. Introdução | 2 |
| 2. As relações sino-lusófonas | 3 |
| 2.1. O interesse da China pelos Países de Língua Portuguesa..... | 3 |
| 2.2. O papel de Macau nas relações sino-lusófonas | 4 |
| 3. O Fórum Macau e os seus membros | 5 |
| 3.1. O Fórum Macau | 5 |
| 3.2. Os membros: alguns indicadores macroeconómicos..... | 6 |
| 3.3. Balanças comerciais entre os membros do Fórum e o Mundo | 7 |
| 4. Comércio bilateral no Fórum Macau: óticas da China, de Macau e de Portugal | 10 |
| 4.1. Comércio de mercadorias da China face aos parceiros do Fórum | 10 |
| 4.2. Comércio de mercadorias de Macau face aos membros do Fórum..... | 18 |
| 4.3. Comércio de mercadorias de Portugal face aos parceiros do Fórum | 21 |
| 5. Conclusão | 31 |
| Referências bibliográficas | 34 |
| Anexo I – Grupos de Produtos | 36 |

1. INTRODUÇÃO:

O ano de 2013 foi carregado de simbolismo para as relações sino-lusófonas. Neste ano, completaram-se quinhentos anos da chegada dos navegadores portugueses a território chinês, mais propriamente a Macau, e dez anos de existência do Fórum para a Cooperação Económica e Comercial entre a China e os Países de Língua Portuguesa.

Como é perceptível pelas datas mencionadas, as relações com Lisboa são das mais antigas da esfera de contacto entre a China e os países de expressão portuguesa, pelo menos em termos históricos. Em termos formais, as relações diplomáticas com a China datam apenas de 1979. Além de Portugal, Pequim mantém relações diplomáticas com mais seis das oito nações lusófonas: Angola (1983), Brasil (séc. XIX-1949;1974), Cabo Verde (1976), Guiné-Bissau (1974-1990;1998), Moçambique (1975) e Timor-Leste (2002). São Tomé e Príncipe é exceção, dado que mantém laços diplomáticos com Taiwan.

Contudo, as relações entre a República Popular da China e os países mencionados vão além da esfera diplomática. O crescimento económico intenso apresentado pela China, de há 30 anos a esta parte, colocou-a entre as mais importantes potências mundiais dos tempos que correm. Todavia, este crescimento implica uma necessidade imediata e em grande escala de recursos naturais e energéticos, os quais Pequim não possui. Para colmatar esta carência, a RPC tem direcionado a sua política externa para países ou regiões ricas em matérias-primas e energias fósseis, como é o caso dos países de expressão portuguesa, recorrendo para isso à criação de mecanismos cooperativos e discursos de benefício mútuo para todas as partes envolvidas.

Foi nesta linha de ação que Pequim criou o Fórum para a Cooperação Económica e Comercial entre a China e os Países de Língua Portuguesa (PLP). Vulgarmente designado por Fórum Macau, este mecanismo cooperativo baseia-se nas características distintivas de Macau e na forma como as mesmas podem ser usadas como ponte para um acesso privilegiado às economias do quadro lusófono.

O governo chinês insiste na premissa de que a sua aproximação aos lusófonos se resume à sua qualidade de parceiro no auxílio ao desenvolvimento dos mesmos – um plano de longo prazo de benefícios mútuos. Por outro lado, alguns autores² vêem esta “amizade” apenas como um interesse imediato em recursos naturais e energéticos, que a longo prazo será prejudicial aos países de expressão portuguesa, ou mesmo como um plano engenhoso que culminará na neocolonização de alguns países lusófonos, nomeadamente os que se encontram no continente africano.

Passados dez anos desde a criação do Fórum, é altura de fazer um “balanço” do que têm sido as relações comerciais entre os seus membros. É precisamente sobre este tema que versa o presente estudo. As trocas comerciais de mercadorias dos membros do Fórum serão analisadas com base em três óticas distintas: a ótica da China, enquanto criadora do Fórum; a ótica de Macau, enquanto plataforma de ligação entre China e os PLP; e a ótica de Portugal, enquanto ex-soberano sobre os territórios que hoje se designam por Países de Língua Portuguesa.

A análise divide-se em cinco pontos. O primeiro introduz o tema, o segundo explora as relações sino-lusófonas do ponto de vista do interesse de Pequim nestes países e do papel de Macau neste contexto. No ponto três é feita uma breve exposição do Fórum Macau, seguida da análise de alguns indicadores macroeconómicos dos países intervenientes e da balança comercial dos mesmos face ao Mundo. O quarto ponto aborda o comércio bilateral de mercadorias entre as economias que compõem o Fórum, para o período que vai de 2003 a 2013. No quinto e último ponto são tecidas algumas conclusões e observações finais.

² Alden, C. (2007), “China in Africa”, citado por Rodrigues, H.
Chichava, S. (2008), “Mozambique and China: from politics to business?”.
Horta, L. (2008), “China’s relations with Mozambique: a mixed blessing”.

2. AS RELAÇÕES SINO-LUSÓFONAS

2.1. O INTERESSE DA CHINA PELOS PAÍSES DE LÍNGUA PORTUGUESA

A República Popular da China (RPC) tem procurado aprofundar e fortalecer relações bilaterais e multilaterais a nível mundial. Neste sentido, Pequim tem vindo a modificar a abordagem da sua política externa, na aproximação a países ou grupos de países nos quais tem interesse. A aproximação de cariz ideológico do passado deu lugar a uma aproximação baseada nos conceitos de paz e desenvolvimento, direcionada essencialmente para fomentar laços com países descolonizados. Esta nova dimensão da política externa chinesa assenta na doutrina dos Cinco Princípios da Coexistência Pacífica, formulados por Chu En-Lai³: respeito mútuo pela soberania e integridade nacional, não-agressão, não ingerência nos assuntos internos de um país, igualdade e benefícios mútuos, e coexistência pacífica entre Estados com sistemas sociais e ideológicos diferentes.

Esta persuasão dos parceiros comerciais, através de uma retórica de benefícios mútuos para as partes envolvidas, tem três objetivos essenciais: promover o desenvolvimento económico e social de Pequim; enfraquecer as teorias que veem a emancipação da China como uma ameaça internacional, permitindo-lhe ser reconhecida como grande potência “amiga” e responsável; e conter potenciais poderes hostis que possam travar o seu desenvolvimento.

Este tipo de comportamento tem possibilitado à China criar redes de comunicação com grupos selecionados de países nos quais possui interesses económicos ou políticos.

Também os países de expressão portuguesa foram alvo desta abordagem por parte da República Popular da China, nomeadamente devido à sua condição de países descolonizados.

Existem vários motivos que sustentam o interesse chinês nos PLP e vice-versa. O desenvolvimento levado a cabo pela China nas últimas três décadas implica uma disponibilidade imediata e em grande escala de recursos naturais e energéticos, recursos que Pequim não possuiu em quantidade suficiente para fazer face às suas necessidades. Por outro lado, países como os de expressão portuguesa necessitam de financiamento para construir, reconstruir ou melhorar as suas infraestruturas e para fomentar o seu desenvolvimento pós-independência. Esta coincidência de vontades tem aguçado a procura, de parte a parte, em aprofundar e fortalecer as relações bilaterais existentes.

Os países lusófonos detêm um lugar de destaque na política externa chinesa, sendo que a sua relevância varia essencialmente consoante a sua maior ou menor dotação em recursos. Nesse sentido, os PLP que se encontram na América Latina (Brasil) e na África (Angola, Cabo-Verde, Guiné-Bissau e Moçambique) são à partida os mais relevantes para Pequim.

Além da riqueza em combustíveis fósseis e recursos naturais, como metais e minérios, as nações lusófonas possuem outras valências nas quais Pequim tem todo o interesse. Dispersos por quatro continentes, estes países beneficiam de localizações geopolíticas estratégicas, partilham o mesmo passado – formalmente todas fizeram parte do império colonial português – e a mesma língua – o português. Diferentes no tamanho, na economia, e na cultura, todos juntos representam um mercado de destino com mais de 260 milhões de pessoas, ideal para o escoamento dos produtos das indústrias chinesas.

Os países de expressão portuguesa podem também funcionar como “laboratórios” para a internacionalização de empresas públicas e privadas da China, fornecendo-lhes a primeira experiência internacional; ajudar a incrementar o poder e o perfil da China em vários organismos internacionais e mecanismos cooperativos, através do envolvimento cada vez maior deste país asiático no

³ Primeiro chefe de governo da República Popular da China, após a sua criação em 1949.

desenvolvimento dos países lusófonos que se encontram em maiores dificuldades; funcionar como porta de acesso a blocos regionais importantes como América do Sul, África, Ásia e Europa (União Europeia mais precisamente), nos quais os PLP se encontram inseridos; ser exemplo do sucesso da construção de “uma só China”, de modo a persuadir Taiwan a juntar-se à China Continental; e permitir o acesso facilitado de Pequim a outras regiões com as quais os PLP estão associados (Guiné-Equatorial, Galiza, Goa, Damão e Diu).

Além das relações diplomáticas estabelecidas no passado com sete dos oito países lusófonos, Pequim viria, em 1999, a beneficiar de um novo trunfo nas relações externas que detém com os mesmos – o retorno de Macau à soberania chinesa. Este pequeno enclave do Oriente partilha com os restantes países do quadro lusófono o estatuto de ex-colónia portuguesa e o português enquanto língua oficial (a par com outras línguas e dialetos em alguns casos). O fim da soberania portuguesa sobre este território e a sua integração na mãe-pátria chinesa coloca-o num lugar de destaque na política de comércio externo de Pequim enquanto ponte entre esta economia asiática e os países de língua portuguesa.

2.2. O PAPEL DE MACAU NAS RELAÇÕES SINO-LUSÓFONAS

Macau foi descoberto pelos navegadores portugueses em 1513. Este pequeno território sul-asiático foi o primeiro entreposto entre a Europa e a China, e uma importante porta de acesso para a entrada da civilização ocidental na China e vice-versa. Desta forma contribuiu para o contacto, intercâmbio e simbiose destas duas culturas tão distintas.

Após quase cinco séculos de domínio português, e nos termos da Declaração Conjunta Sino-Portuguesa assinada em 1987, Macau voltaria à soberania chinesa a 20 de dezembro de 1999, tornando-se numa Região Administrativa Especial (RAE), tal como acontecera com Hong Kong.

O legado deixado pela passagem portuguesa em Macau manifesta-se, ainda hoje, a nível do património cultural e arquitetónico, do sistema jurídico (semelhante ao do continente europeu) e da língua portuguesa. Tem havido, por parte da China, um cuidado especial em preservar o passado lusófono da RAEM. Como é prática habitual de Pequim, estes traços característicos de Macau têm sido traduzidos na obtenção de benefícios políticos e económicos, no plano doméstico e internacional.

A afinidade entre a RAEM e as ex-colónias portuguesas confere-lhe um papel simbólico mas importante na política externa de Pequim, funcionando como plataforma de ligação sino-lusófona. Com este procedimento, a China evita o reconhecimento de Taiwan e garante aliados em organizações internacionais como a ONU.

Ainda que o principal proveito da exploração de Macau, como plataforma giratória para estreitar relações com os PLP, seja auferido por Pequim, a RAEM também pode retirar alguns dividendos deste processo. Ao funcionar como intermediário das relações sino-lusófonas, Macau reforça a sua identidade face a outras regiões e províncias chinesas, reinventa o seu perfil no contexto internacional e diversifica a sua economia excessivamente dependente do setor do jogo.

Dotado de um elevado grau de autonomia, conferido pelo estatuto de Região Administrativa Especial e pela Lei Básica, Macau funciona como “braço armado” da China para as relações externas. A principal habilidade que lhe é reconhecida é precisamente a de aproximação privilegiada aos Países de Língua Oficial Portuguesa.

Foi com base nestes trâmites que a República Popular da China propôs, em 2003, a criação do conhecido Fórum Macau.

3. O FÓRUM MACAU E OS SEUS MEMBROS

3.1. O FÓRUM MACAU

Os países de expressão portuguesa possuem eles próprios um mecanismo multilateral - a Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP) - com o qual a China poderia eventualmente ter estabelecido uma espécie de “parceria”. Contudo, além de Pequim não manter atualmente relações com São Tomé e Príncipe, que é membro da CPLP, era muito mais vantajoso, em termos económicos e de imagem, que um mecanismo direcionado para as relações sino-lusófonas partisse da iniciativa chinesa.

Posto isto, em outubro de 2003, foi criado, sob a alçada do Ministério do Comércio em Pequim, o Fórum para a Cooperação Económica e Comercial entre a China e os Países de Língua Portuguesa. Este mecanismo é muitas vezes apelidado resumidamente de Fórum Macau, dado que o seu Secretariado Permanente se encontra sediado em Macau. São membros a República Popular da China e sete das oito nações lusófonas: Angola, Brasil, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, Portugal e Timor-Leste. Este é mais um exemplo da nova abordagem de Pequim às suas relações externas, alicerçada no cooperativismo, multilateralismo e no benefício mútuo de todos os intervenientes.

Os principais objetivos do Fórum Macau são “reforçar a cooperação e o intercâmbio económico entre a República Popular da China e os Países de Língua Portuguesa, dinamizar o papel de Macau como plataforma de ligação a esses países e promover o desenvolvimento dos laços entre a República Popular da China, Macau e os Países de Língua Portuguesa”⁴.

O Secretariado Geral do Fórum é composto por um Secretário-geral, nomeado pela República Popular da China, três Secretários-gerais Adjuntos (um nomeado pelos PLP de forma rotativa e por ordem alfabética, outro designado por Pequim e outro nomeado pela RAEM) e um delegado de cada um dos Países de Língua Portuguesa que integra o Fórum.

Este é o principal órgão de gestão do organismo cooperativo sino-lusófono e são seus deveres: organizar os trabalhos preparatórios das sessões do Fórum, acompanhar a execução de decisões tomadas no seio do Fórum, informar os países membros sobre o grau de implementação das decisões, estabelecer a ligação entre os países intervenientes, ocupar-se dos assuntos correntes da organização, e por último, garantir o apoio financeiro e logístico necessário à execução das ações acordadas pelos membros. Os mandatos do Secretariado Permanente têm uma duração máxima de três anos após a sua aprovação.

O Secretariado conta ainda com o auxílio de três gabinetes: Gabinete de Administração, Gabinete de Apoio e Gabinete de Ligação. O Gabinete de Administração é responsável pelo vínculo entre os vários intervenientes do Fórum e é composto por funcionários do Ministério do Comércio de Pequim, sob a coordenação do Secretário-geral Adjunto nomeado pela China. O Gabinete de Apoio é composto por funcionários da RAEM sob a coordenação do Secretário-geral Adjunto nomeado por Macau e a sua principal responsabilidade reside na prestação do devido apoio financeiro, administrativo e logístico ao Secretariado Permanente. Por seu turno, ao Gabinete de Ligação, composto pelos delegados dos Países de Língua Portuguesa, coordenados pelo Secretário-geral Adjunto eleito em regime de rotatividade pelos PLP, competem os contactos dos participantes relacionados com trabalhos e assuntos desenvolvidos no âmbito do Fórum.

Também as Conferências Ministeriais realizadas ao abrigo do Fórum têm lugar em Macau, com uma periodicidade trianual, salvo casos especiais. A primeira Conferência Ministerial realizou-se em outubro de 2003, a segunda e terceira Conferências Ministeriais efetuaram-se em setembro de 2006 e novembro de 2010, respetivamente. Esta última foge à periodicidade estipulada inicialmente. O principal motivo imputado ao adiamento desta conferência foi o impasse resultante da morte, em julho de 2008, do antigo

⁴ In Fórum Macau, disponível em <http://www.forumchinaplp.org.mo/pt/aboutus.php>

Secretário-geral Zhao Chuang, quatro meses após ter tomado posse, e que apenas foi substituído formalmente em 19 de novembro de 2009 por Chan Hexi. A quarta e última Conferência realizada até à data decorreu no passado mês de novembro de 2013.

A próxima Conferência está agendada para o final de 2016. Até lá, o Fórum pretende criar centros de cooperação com a Lusofonia, que irão abranger serviços para pequenas e médias empresas dos países de língua portuguesa.⁵

Além das Conferências, são efetuadas reuniões ordinárias com uma periodicidade anual, dirigidas e convocadas pelo Secretário-Geral, após consulta dos países membros do Fórum Macau.

Mesmo que este mecanismo não existisse, as relações entre a China e pelo menos grande parte dos países do quadro lusófono subsistiriam. A escassez de dados que permitam isolar a influência que o Fórum exerceu sobre as relações bilaterais e multilaterais entre os seus intervenientes, impossibilita uma análise sólida dessa mesma influência nas trocas comerciais realizadas.

Contudo, ainda que discutível, o papel do Fórum Macau na aproximação entre a China e os Países de Língua Portuguesa não deve ser menosprezado.

3.2. OS MEMBROS: ALGUNS INDICADORES MACROECONÓMICOS

A República Popular da China, uma das grandes potências mundiais dos tempos que correm, foi outrora uma economia fechada e virada para si própria. Na década de 70, os líderes políticos deste país abandonaram esta abordagem egocentrista e direcionaram a economia para o mercado, o que exigiu, e exige ainda, uma disponibilidade constante de recursos em larga escala para fomentar o crescimento e expansão. Nesta mesma década, a maioria das antigas colónias portuguesas, ricas em recursos naturais e energéticos, tinha conquistado a independência face a Portugal, e estava a braços com a falta de recursos monetários que lhe permitissem financiar o seu desenvolvimento. Estas duas necessidades, juntamente com a partilha da língua portuguesa pelos vários intervenientes e a existência de Macau como elo de ligação entre a China e as ex-colónias portuguesas, aproximou estas culturas e culminou, anos mais tarde, na criação de um mecanismo de cooperação ao qual se chamou Fórum para a Cooperação Económica e Comercial entre a China e os Países de Língua Portuguesa (Fórum Macau). Este mecanismo, que conta já com dez anos de existência (2003-2013), é composto por oito membros: Angola, Brasil, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, Portugal, Timor-Leste e República Popular da China.

O Quadro 1 sintetiza alguns indicadores que caracterizam cada uma destas economias, bem como a economia da Região Administrativa Especial de Macau.

⁵ PE Probe, <http://www.peprobe.com/pt-pt/new/prchina-forum-macau-como-ponta-de-lanca-da-china-na-lusofonia>

Quadro 1 – Alguns indicadores dos países do Fórum e da RAEM

| País | Área terrestre | População estimada (jul 2014) | PIB estimado 2013 (PPC) | PIB per capita 2013 (PPP) | PIB por setor de origem - % (estimativa para 2013) | | | Taxa de Inflação 2013 |
|--------------|-----------------|-------------------------------|-------------------------|---------------------------|--|-------|--------|-----------------------|
| | km ² | mil hab. | 10 ⁹ USD | USD | Agric. | Ind. | Serv. | % |
| Angola | 1 246 700 | 19 088 | 131,8 | 6 300 | 10,2* | 61,4* | 28,4* | 8,9 |
| Brasil | 8 459 417 | 202 657 | 2 422,0 | 12 100 | 5,5 | 26,4 | 68,1 | 6,2 |
| Cabo Verde | 4 033 | 539 | 2,2 | 4 400 | 9,3 | 18,8 | 71,9 | 1,9 |
| Guiné-Bissau | 28 120 | 1 693 | 2,0 | 1 200 | 58,0 | 13,5 | 28,5 | 1,9 |
| Moçambique | 786 380 | 24 692 | 28,2 | 1 200 | 28,7 | 24,9 | 46,4 | 4,4 |
| Portugal | 91 470 | 10 814 | 243,3 | 22 900 | 2,6 | 22,2 | 75,2 | 0,4 |
| Timor-Leste | 14 874 | 1 202 | 25,4 | 21 400 | 2,6 | 81,6 | 15,8 | 4,5 |
| China | 9 569 901 | 1 355 693 | 13 370,0 | 9 800 | 9,7 | 45,3 | 45,0 | 2,6 |
| Macau | 28** | 588** | 47,2 | 82 400* | 0,0** | 6,5** | 93,5** | 5,4 |

Fonte: A partir dos dados de base da CIA World Factbook 2013.

Nota: * Valor estimado para 2011;

** Valor estimado para 2012.

Como é perceptível pelos dados supracitados, este grupo de economias é bastante heterogéneo, seja a nível demográfico, geográfico ou económico.

Do elenco apresentado, a China destaca-se como o país que possui maior área terrestre, maior número de habitantes e maior Produto Interno Bruto, medido em Paridade de Poder de Compra. Macau, Cabo Verde e Guiné-Bissau são, respetivamente, os detentores da menor área, do menor número de habitantes e do menor PIB.

A distribuição do PIB, tendo em conta o setor de origem e o seu valor per capita, são também díspares para as várias economias mencionadas. A Região Administrativa Especial de Macau destaca-se em ambos os campos. Por um lado, o valor do PIB per capita desta região ascende a 82.400 dólares (cerca de 68 vezes maior que o mesmo indicador para Guiné-Bissau e Moçambique). Por outro lado, 93,5% do seu PIB tem origem no setor dos serviços, o que espelha a grande dependência económica de Macau relativamente ao setor do casino e do turismo. No extremo oposto encontra-se a Guiné-Bissau como detentora do valor menos expressivo do PIB per capita e do maior peso do setor agrícola no Produto Interno Bruto, o que não surpreende, uma vez que a economia legal deste país é baseada essencialmente na agricultura e nas pescas.

3.3. BALANÇAS COMERCIAIS ENTRE OS MEMBROS DO FÓRUM E O MUNDO

O quadro seguinte concerne às balanças comerciais de todos os membros do Fórum Macau face ao Mundo. Foi também incluída nesta análise a Região Administrativa Especial de Macau (RAEM) que, apesar de não ser membro independente do Fórum, é uma peça fundamental no contexto sino-lusófono. O período contemplado vai de 2002 a 2012, uma vez que não existiam dados disponíveis para 2013. Importa também ressaltar que, para Timor-Leste apenas existem dados a partir de 2004 e para a Guiné-Bissau não se conhecem valores das exportações para 2011 e 2012.

Quadro 2 – Balanças Comerciais de Mercadorias dos Membros do Fórum Macau face ao Mundo 2002 a 2012

(milhões de U.S. Dólares)

| | 2002 | 2003 | 2004 | 2005 | 2006 | 2007 | 2008 | 2009 | 2010 | 2011 | 2012 | Índice ¹ (2002=100) |
|---------------------|---------|---------|---------|---------|---------|-----------|-----------|-----------|-----------|-----------|-----------|-----------------------------------|
| Angola | | | | | | | | | | | | |
| Importação (cif) | 3 760 | 5 480 | 5 832 | 8 353 | 11 600 | 9 617 | 14 544 | 22 548 | 16 574 | 20 228 | 23 717 | 630,8 |
| t.v.h. | - | 45,7 | 6,4 | 43,2 | 38,9 | -17,1 | 51,2 | 55,0 | -26,5 | 22,0 | 17,2 | |
| Exportação (fob) | 7 516 | 9 237 | 12 975 | 23 670 | 31 084 | 43 452 | 72 179 | 40 080 | 46 437 | 65 745 | 70 032 | 931,8 |
| t.v.h. | - | 22,9 | 40,5 | 82,4 | 31,3 | 39,8 | 66,1 | -44,5 | 15,9 | 41,6 | 6,5 | |
| Saldo (fob-cif) | 3 756 | 3 757 | 7 143 | 15 317 | 19 484 | 33 835 | 57 635 | 17 532 | 29 863 | 45 517 | 46 315 | |
| t.v.h. | - | 0,0 | 90,1 | 114,4 | 27,2 | 73,7 | 70,3 | -69,6 | 70,3 | 52,4 | 1,8 | |
| Cobertura (fob/cif) | 199,9 | 168,6 | 222,5 | 283,4 | 268,0 | 451,8 | 496,3 | 177,8 | 280,2 | 325,0 | 295,3 | |
| Brasil | | | | | | | | | | | | |
| Importação (cif) | 49 723 | 50 881 | 66 433 | 77 628 | 95 838 | 126 645 | 182 377 | 133 673 | 191 537 | 236 946 | 228 377 | 459,3 |
| t.v.h. | - | 2,3 | 30,6 | 16,9 | 23,5 | 32,1 | 44,0 | -26,7 | 43,3 | 23,7 | -3,6 | |
| Exportação (fob) | 60 439 | 73 203 | 96 678 | 118 529 | 137 807 | 160 649 | 197 942 | 152 995 | 201 915 | 256 040 | 242 580 | 401,4 |
| t.v.h. | - | 21,1 | 32,1 | 22,6 | 16,3 | 16,6 | 23,2 | -22,7 | 32,0 | 26,8 | -5,3 | |
| Saldo (fob-cif) | 10 716 | 22 322 | 30 245 | 40 901 | 41 969 | 34 004 | 15 565 | 19 322 | 10 378 | 19 094 | 14 203 | |
| t.v.h. | - | 108,3 | 35,5 | 35,2 | 2,6 | -19,0 | -54,2 | 24,1 | -46,3 | 84,0 | -25,6 | |
| Cobertura (fob/cif) | 121,6 | 143,9 | 145,5 | 152,7 | 143,8 | 126,8 | 108,5 | 114,5 | 105,4 | 108,1 | 106,2 | |
| Cabo Verde | | | | | | | | | | | | |
| Importação (cif) | 276 | 352 | 432 | 438 | 543 | 753 | 819 | 709 | 743 | 947 | 766 | 277,5 |
| t.v.h. | - | 27,5 | 22,7 | 1,4 | 24,0 | 38,7 | 8,8 | -13,4 | 4,8 | 27,5 | -19,1 | |
| Exportação (fob) | 11 | 13 | 15 | 18 | 21 | 19 | 32 | 35 | 45 | 69 | 53 | 481,8 |
| t.v.h. | - | 18,2 | 15,4 | 20,0 | 16,7 | -9,5 | 68,4 | 9,4 | 28,6 | 53,3 | -23,2 | |
| Saldo (fob-cif) | -265 | -339 | -417 | -420 | -522 | -734 | -787 | -674 | -698 | -878 | -713 | |
| t.v.h. | - | 27,9 | 23,0 | 0,7 | 24,3 | 40,6 | 7,2 | -14,4 | 3,6 | 25,8 | -18,8 | |
| Cobertura (fob/cif) | 4,0 | 3,7 | 3,5 | 4,1 | 3,9 | 2,5 | 3,9 | 4,9 | 6,1 | 7,3 | 6,9 | |
| China | | | | | | | | | | | | |
| Importação (cif) | 295 170 | 412 760 | 561 229 | 660 206 | 791 797 | 956 233 | 1 131 620 | 1 004 170 | 1 396 200 | 1 742 850 | 1 817 780 | 615,8 |
| t.v.h. | - | 39,8 | 36,0 | 17,6 | 19,9 | 20,8 | 18,3 | -11,3 | 39,0 | 24,8 | 4,3 | |
| Exportação (fob) | 325 596 | 438 228 | 593 326 | 761 953 | 969 380 | 1 217 790 | 1 428 660 | 1 201 790 | 1 578 270 | 1 899 180 | 2 048 940 | 629,3 |
| t.v.h. | - | 34,6 | 35,4 | 28,4 | 27,2 | 25,6 | 17,3 | -15,9 | 31,3 | 20,3 | 7,9 | |
| Saldo (fob-cif) | 30 426 | 25 468 | 32 097 | 101 747 | 177 583 | 261 557 | 297 040 | 197 620 | 182 070 | 156 330 | 231 160 | |
| t.v.h. | - | -16,3 | 26,0 | 217,0 | 74,5 | 47,3 | 13,6 | -33,5 | -7,9 | -14,1 | 47,9 | |
| Cobertura (fob/cif) | 110,3 | 106,2 | 105,7 | 115,4 | 122,4 | 127,4 | 126,2 | 119,7 | 113,0 | 109,0 | 112,7 | |
| Guiné-Bissau | | | | | | | | | | | | |
| Importação (cif) | 59 | 66 | 96 | 119 | 111 | 111 | 159 | 230 | 220 | 300 | 250 | 423,7 |
| t.v.h. | - | 11,9 | 45,5 | 24,0 | -6,7 | 0,0 | 43,2 | 44,7 | -4,3 | 36,4 | -16,7 | |
| Exportação (fob) | 54 | 65 | 75 | 90 | 74 | 106 | 131 | 119 | 118 | - | - | - |
| t.v.h. | - | 20,4 | 15,4 | 20,0 | -17,8 | 43,2 | 23,6 | -9,2 | -0,8 | - | - | |
| Saldo (fob-cif) | -5 | -1 | -21 | -29 | -37 | -5 | -28 | -111 | -102 | - | - | |
| t.v.h. | - | -80,0 | 2 000,0 | 38,1 | 27,6 | -86,5 | 460,0 | 296,4 | -8,1 | - | - | |
| Cobertura (fob/cif) | 91,5 | 98,5 | 78,1 | 75,6 | 66,7 | 95,5 | 82,4 | 51,7 | 53,6 | - | - | |
| Macau | | | | | | | | | | | | |
| Importação (cif) | 2 530 | 2 755 | 3 478 | 3 913 | 4 565 | 5 366 | 5 365 | 4 622 | 5 513 | 7 769 | 8 877 | 350,9 |
| t.v.h. | - | 8,9 | 26,2 | 12,5 | 16,7 | 17,5 | 0,0 | -13,8 | 19,3 | 40,9 | 14,3 | |
| Exportação (fob) | 2 356 | 2 581 | 2 812 | 2 476 | 2 557 | 2 543 | 1 997 | 961 | 870 | 869 | 1 021 | 43,3 |
| t.v.h. | - | 9,6 | 9,0 | -11,9 | 3,3 | -0,5 | -21,5 | -51,9 | -9,5 | -0,1 | 17,5 | |
| Saldo (fob-cif) | -174 | -174 | -666 | -1 437 | -2 008 | -2 823 | -3 368 | -3 661 | -4 643 | -6 900 | -7 856 | |
| t.v.h. | - | 0,0 | 282,2 | 115,8 | 39,7 | 40,6 | 19,3 | 8,7 | 26,8 | 48,6 | 13,9 | |
| Cobertura (fob/cif) | 93,1 | 93,7 | 80,9 | 63,3 | 56,0 | 47,4 | 37,2 | 20,8 | 15,8 | 11,2 | 11,5 | |
| Moçambique | | | | | | | | | | | | |
| Importação (cif) | 1 543 | 1 753 | 2 035 | 2 408 | 2 869 | 3 050 | 4 008 | 3 764 | 4 600 | 6 306 | 6 800 | 440,7 |
| t.v.h. | - | 13,6 | 16,1 | 18,3 | 19,1 | 6,3 | 31,4 | -6,1 | 22,2 | 37,1 | 7,8 | |
| Exportação (fob) | 810 | 1 045 | 1 504 | 1 783 | 2 381 | 2 412 | 2 653 | 2 147 | 3 000 | 3 604 | 4 100 | 506,2 |
| t.v.h. | - | 29,0 | 43,9 | 18,6 | 33,5 | 1,3 | 10,0 | -19,1 | 39,7 | 20,1 | 13,8 | |
| Saldo (fob-cif) | -733 | -708 | -531 | -625 | -488 | -638 | -1 355 | -1 617 | -1 600 | -2 702 | -2 700 | |
| t.v.h. | - | -3,4 | -25,0 | 17,7 | -21,9 | 30,7 | 112,4 | 19,3 | -1,1 | 68,9 | -0,1 | |
| Cobertura (fob/cif) | 52,5 | 59,6 | 73,9 | 74,0 | 83,0 | 79,1 | 66,2 | 57,0 | 65,2 | 57,2 | 60,3 | |
| Portugal | | | | | | | | | | | | |
| Importação (cif) | 38 326 | 40 853 | 49 240 | 53 398 | 65 639 | 82 280 | 94 726 | 71 757 | 77 688 | 82 481 | 72 306 | 188,7 |
| t.v.h. | - | 6,6 | 20,5 | 8,4 | 22,9 | 25,4 | 15,1 | -24,2 | 8,3 | 6,2 | -12,3 | |
| Exportação (fob) | 25 536 | 30 719 | 33 035 | 32 129 | 42 906 | 52 493 | 57 406 | 44 250 | 49 408 | 59 608 | 58 255 | 228,1 |
| t.v.h. | - | 20,3 | 7,5 | -2,7 | 33,5 | 22,3 | 9,4 | -22,9 | 11,7 | 20,6 | -2,3 | |
| Saldo (fob-cif) | -12 790 | -10 134 | -16 205 | -21 269 | -22 733 | -29 787 | -37 320 | -27 507 | -28 280 | -22 873 | -14 051 | |
| t.v.h. | - | -20,8 | 59,9 | 31,2 | 6,9 | 31,0 | 25,3 | -26,3 | 2,8 | -19,1 | -38,6 | |
| Cobertura (fob/cif) | 66,6 | 75,2 | 67,1 | 60,2 | 65,4 | 63,8 | 60,6 | 61,7 | 63,6 | 72,3 | 80,6 | |
| Timor-Leste | | | | | | | | | | | | |
| Importação (cif) | - | - | 113 | 102 | 88 | 199 | 258 | 283 | 246 | 319 | 664 | - |
| t.v.h. | - | - | - | -9,7 | -13,7 | 126,1 | 29,6 | 9,7 | -13,1 | 29,7 | 108,2 | |
| Exportação (fob) | - | - | 106 | 43 | 61 | 19 | 49 | 35 | 42 | 53 | 77 | - |
| t.v.h. | - | - | - | -59,4 | 41,9 | -68,9 | 157,9 | -28,6 | 20,0 | 26,2 | 45,3 | |
| Saldo (fob-cif) | - | - | -7 | -59 | -27 | -180 | -209 | -248 | -204 | -266 | -587 | |
| t.v.h. | - | - | - | 742,9 | -54,2 | 566,7 | 16,1 | 18,7 | -17,7 | 30,4 | 120,7 | |
| Cobertura (fob/cif) | - | - | 93,8 | 42,2 | 69,3 | 9,5 | 19,0 | 12,4 | 17,1 | 16,6 | 11,6 | |

Fonte: A partir dos dados de base do UN Statistical Yearbook.

Nota: Dados para 2002 com base no Statistical Yearbook 2009, dados para 2003 com base no Statistical Yearbook 2011 e dados para 2004 e seguintes com base no Statistical Yearbook 2012. Disponível em <http://comtrade.un.org/pb/>

¹Índice= (Montante 2012/Montante 2002) *100; Base 2002=100

'-': valor não disponível

À exceção de Angola, Brasil e China, todas as restantes economias em análise têm balanças comerciais negativas face ao Mundo, sendo esta dependência mais ou menos expressiva de caso para caso. No que concerne aos países africanos que integram o Fórum Macau (excluindo Angola), e também a Timor-Leste, o saldo negativo das balanças comerciais sofreu um agravamento no decurso dos dez anos apresentados. Por outro lado, e de uma forma geral, todas as economias analisadas apresentam montantes totais de importações crescentes até 2007/2008, tendo sofrido uma ligeira quebra depois desta data.

As exportações de todas as economias expostas, à exceção de Macau, cresceram ao longo do período abordado. Os crescimentos mais expressivos verificaram-se para Angola e China. Estes dois países, bem como o Brasil, destacam-se também por possuírem uma cobertura do montante importado pelo montante exportado superior a 100%. Este facto pode estar relacionado com motivos distintos: no caso dos dois países de expressão portuguesa, este acontecimento pode associar-se à existência de petróleo e no caso da China vai ao encontro do crescimento intenso que esta economia tem mostrado nas últimas décadas.

Porém as diferenças entre os vários membros do Fórum Macau não se resumem apenas aos indicadores macroeconómicos, demográficos e geográficos. Os níveis de desenvolvimento económico e social são extremos, indo de economias desenvolvidas a economias subdesenvolvidas.

A criação do Fórum Macau poderá ser um caminho para colmatar algumas destas disparidades, através do incremento das relações bilaterais entre os seus intervenientes. Se por um lado os países menos desenvolvidos deste grupo são ricos em matérias-primas, recursos naturais e produtos agrícolas, mas pobres em recursos económicos, grandes economias como a China têm grande capacidade de financiamento e um stock de recursos escasso, que em última instância pode limitar o crescimento intenso que tem levado a cabo nos últimos anos.

De seguida será analisado o comércio bilateral de mercadorias entre os membros que integram o mecanismo sino-lusófono, tendo por base três óticas: a ótica da China, enquanto impulsionadora do Fórum Macau; a ótica de Macau, enquanto plataforma giratória entre a China e as ex-colónias portuguesas; e a ótica de Portugal, enquanto ex-soberano das economias que hoje se designam por países de língua portuguesa.

4. COMÉRCIO BILATERAL NO FÓRUM MACAU: ÓTICAS DA CHINA, DE MACAU E DE PORTUGAL

4.1. COMÉRCIO DE MERCADORIAS DA CHINA FACE AOS PARCEIROS DO FÓRUM

De há 30 anos a esta parte, a China tem-se afirmado como uma potência no panorama mundial, quer seja no plano político que seja no plano económico. Em 2011, China, EUA e UE juntos eram responsáveis por metade do PIB mundial, o que dá uma ideia bastante clara da emancipação deste país ao nível de outras potências económicas mundiais⁶.

O forte crescimento e expansão que têm marcado as últimas décadas da economia do maior país da Ásia Oriental, e também o mais populoso do mundo, só são exequíveis graças a uma grande disponibilidade de recursos. Apesar da sua riqueza populacional, territorial e económica, a China possui poucos recursos naturais face à sua dimensão, tendo de recorrer ao exterior em grande escala para suprir as suas necessidades. Por seu turno, algumas economias mundiais são bastante dotadas em recursos, mas possuem recursos monetários escassos que lhes permitam financiar um desenvolvimento sustentável. Este é o caso de algumas das ex-colónias portuguesas. Estas economias são ricas em recursos naturais tais como petróleo, diamantes e minérios, e representam um mercado de consumo com vários milhões de habitantes.

Apesar da pouca proximidade geográfica entre a RPC e os Países de Língua Portuguesa (Timor-Leste é exceção neste campo), o interesse de Pequim nestes territórios é cada vez mais evidente. É precisamente nesta linha que surge o Fórum Macau. Este mecanismo cooperativo permitiu à China transformar o legado português presente na recém-criada Região Administrativa Especial de Macau em benefícios económicos.

Neste ponto, serão analisadas as trocas comerciais de mercadorias entre a China e os Países de Língua Portuguesa, desde a criação do Fórum Macau até ao presente (2003-2013), de modo a aferir o possível impacto que a criação deste mecanismo possa ter tido no volume de trocas entre os vários intervenientes.

O próximo quadro é relativo às balanças comerciais de mercadorias da China face a cada um dos restantes países que integram o Fórum Macau. Nesta análise também foi incluída a RAEM.

**Quadro 3 - Balanças Comerciais da China face aos parceiros do Fórum Macau e à RAEM
2003 a 2013**

| | 2003 | 2004 | 2005 | 2006 | 2007 | 2008 | 2009 | 2010 | 2011 | 2012 | 2013 | Índice ¹ (2003=100) |
|-------------------------|--------|--------|--------|---------|---------|---------|---------|---------|---------|---------|---------|-----------------------------------|
| (milhões de US Dólares) | | | | | | | | | | | | |
| Angola | | | | | | | | | | | | |
| Importação (cif) | 2 206 | 4 717 | 6 582 | 10 933 | 12 889 | 22 383 | 14 676 | 22 815 | 24 922 | 33 562 | 31 955 | 1 448,6 |
| t.v.h. | - | 113,8 | 39,5 | 66,1 | 17,9 | 73,7 | -34,4 | 55,5 | 9,2 | 34,7 | -4,8 | |
| Exportação (fob) | 146 | 194 | 373 | 894 | 1 235 | 2 942 | 2 386 | 2 004 | 2 784 | 4 039 | 3 965 | 2 719,7 |
| t.v.h. | - | 32,7 | 92,6 | 139,9 | 38,1 | 138,3 | -18,9 | -16,0 | 38,9 | 45,1 | -1,8 | |
| Saldo (fob-cif) | -2 060 | -4 524 | -6 209 | -10 039 | -11 654 | -19 440 | -12 290 | -20 811 | -22 138 | -29 523 | -27 990 | |
| t.v.h. | - | 119,6 | 37,3 | 61,7 | 16,1 | 66,8 | -36,8 | 69,3 | 6,4 | 33,4 | -5,2 | |
| Cobertura (fob/cif) | 6,6 | 4,1 | 5,7 | 8,2 | 9,6 | 13,1 | 16,3 | 8,8 | 11,2 | 12,0 | 12,4 | |
| Brasil | | | | | | | | | | | | |
| Importação (cif) | 5 842 | 8 673 | 9 993 | 12 909 | 18 342 | 29 863 | 28 281 | 38 099 | 52 387 | 52 281 | 53 748 | 920,0 |
| t.v.h. | - | 48,4 | 15,2 | 29,2 | 42,1 | 62,8 | -5,3 | 34,7 | 37,5 | -0,2 | 2,8 | |
| Exportação (fob) | 2 143 | 3 674 | 4 827 | 7 380 | 11 398 | 18 807 | 14 119 | 24 461 | 31 837 | 33 414 | 36 192 | 1 688,6 |
| t.v.h. | - | 71,4 | 31,4 | 52,9 | 54,4 | 65,0 | -24,9 | 73,3 | 30,2 | 5,0 | 8,3 | |
| Saldo (fob-cif) | -3 699 | -4 999 | -5 165 | -5 529 | -6 944 | -11 056 | -14 162 | -13 639 | -20 550 | -18 867 | -17 555 | |
| t.v.h. | - | 35,1 | 3,3 | 7,0 | 25,6 | 59,2 | 28,1 | -3,7 | 50,7 | -8,2 | -7,0 | |
| Cobertura (fob/cif) | 36,7 | 42,4 | 48,3 | 57,2 | 62,1 | 63,0 | 49,9 | 64,2 | 60,8 | 63,9 | 67,3 | |

(cont.)

⁶ "EU, US and China together account for half of world GDP", Eurostat News release 69/2014, disponível em http://epp.eurostat.ec.europa.eu/cache/ITY_PUBLIC/2-30042014-DP/EN/2-30042014-DP-EN.PDF

(milhões de U.S.Dólares)

| | 2003 | 2004 | 2005 | 2006 | 2007 | 2008 | 2009 | 2010 | 2011 | 2012 | 2013 | Índice ¹ (2003=100) |
|---------------------|-------|-------|-----------|-------------|----------|---------|-----------|-----------|-----------|-------------|----------|-----------------------------------|
| Cabo Verde | | | | | | | | | | | | |
| Importação (cif) | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | - |
| t.v.h. | - | 0,0 | 0,0 | 0,0 | 0,0 | 0,0 | 0,0 | 0,0 | 0,0 | -91,7 | -100,0 | - |
| Exportação (fob) | 3 | 3 | 5 | 10 | 17 | 15 | 35 | 34 | 50 | 57 | 61 | 2 361,2 |
| t.v.h. | - | 5,8 | 88,9 | 94,6 | 66,7 | -11,1 | 136,8 | -3,0 | 44,9 | 15,6 | 6,6 | - |
| Saldo (fob-cif) | 3 | 3 | 5 | 10 | 17 | 15 | 35 | 34 | 50 | 57 | 61 | - |
| t.v.h. | - | 5,8 | 88,9 | 94,6 | 66,7 | -11,1 | 136,8 | -3,1 | 44,9 | 15,6 | 6,6 | - |
| Cobertura (fob/cif) | - | - | - | - | - | - | - | 286 125,0 | 414 600,0 | 5 749 000,0 | - | - |
| Guiné-Bissau | | | | | | | | | | | | |
| Importação (cif) | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 4 | 4 | 7 | 17 | - |
| t.v.h. | - | 100,0 | -100,0 | 0,0 | 100,0 | 618,2 | 30,1 | 138,9 | 6,5 | 61,3 | 153,7 | - |
| Exportação (fob) | 12 | 6 | 6 | 6 | 7 | 6 | 23 | 9 | 15 | 16 | 12 | 95,3 |
| t.v.h. | - | -51,5 | -3,3 | -2,0 | 28,7 | -15,9 | 277,3 | -59,3 | 57,4 | 7,0 | -26,0 | - |
| Saldo (fob-cif) | 12 | 6 | 6 | 6 | 7 | 5 | 22 | 5 | 11 | 9 | -5 | - |
| t.v.h. | - | 51,7 | -2,9 | -2,0 | 25,7 | -31,3 | 340,0 | -74,2 | 92,7 | -13,7 | -154,6 | - |
| Cobertura (fob/cif) | 689,9 | 749,3 | 606,7 | 850,2 | 941,9 | 850,8 | 752,5 | 244,2 | 361,1 | 239,6 | 70,0 | - |
| Macau | | | | | | | | | | | | |
| Importação (cif) | 186 | 216 | 265 | 257 | 280 | 306 | 246 | 124 | 162 | 279 | 387 | 208,7 |
| t.v.h. | - | 16,3 | 22,5 | -2,8 | 9,1 | 9,1 | -19,5 | -49,8 | 31,3 | 72,0 | 38,7 | - |
| Exportação (fob) | 1 280 | 1 618 | 1 605 | 2 185 | 2 641 | 2 602 | 1 852 | 2 141 | 2 355 | 2 708 | 3 178 | 248,3 |
| t.v.h. | - | 26,4 | -0,8 | 36,2 | 20,8 | -1,5 | -28,8 | 15,6 | 10,0 | 15,0 | 17,4 | - |
| Saldo (fob-cif) | 1 094 | 1 402 | 1 340 | 1 928 | 2 361 | 2 296 | 1 606 | 2 017 | 2 193 | 2 429 | 2 791 | - |
| t.v.h. | - | 28,1 | -4,4 | 43,8 | 22,4 | -2,7 | -30,1 | 25,6 | 8,7 | 10,8 | 14,9 | - |
| Cobertura (fob/cif) | 689,9 | 749,3 | 606,7 | 850,2 | 941,9 | 850,8 | 752,5 | 1 732,7 | 1 451,5 | 970,1 | 821,1 | - |
| Moçambique | | | | | | | | | | | | |
| Importação (cif) | 27 | 44 | 74 | 80 | 124 | 126 | 178 | 201 | 257 | 403 | 451 | 1 696,7 |
| t.v.h. | - | 66,5 | 66,0 | 8,5 | 55,8 | 1,3 | 41,0 | 13,2 | 27,9 | 56,8 | 11,9 | - |
| Exportação (fob) | 45 | 75 | 91 | 128 | 164 | 296 | 339 | 496 | 700 | 941 | 1 197 | 2 658,8 |
| t.v.h. | - | 66,9 | 21,7 | 39,9 | 27,8 | 81,0 | 14,6 | 46,4 | 41,1 | 34,4 | 27,2 | - |
| Saldo (fob-cif) | 18 | 31 | 18 | 48 | 39 | 170 | 162 | 295 | 443 | 538 | 746 | - |
| t.v.h. | - | 67,4 | -41,8 | 168,3 | -18,4 | 332,8 | -5,0 | 82,8 | 50,0 | 21,3 | 38,8 | - |
| Cobertura (fob/cif) | 169,3 | 169,7 | 124,4 | 160,4 | 131,6 | 235,1 | 191,0 | 246,9 | 272,2 | 233,3 | 265,3 | - |
| Portugal | | | | | | | | | | | | |
| Importação (cif) | 195 | 281 | 324 | 354 | 385 | 387 | 481 | 754 | 1 162 | 1 515 | 1 401 | 720,0 |
| t.v.h. | - | 44,3 | 15,3 | 9,3 | 8,7 | 0,7 | 24,1 | 56,9 | 54,0 | 30,3 | -7,5 | - |
| Exportação (fob) | 406 | 588 | 912 | 1 360 | 1 835 | 2 317 | 1 924 | 2 513 | 2 801 | 2 501 | 2 507 | 617,1 |
| t.v.h. | - | 44,8 | 55,0 | 49,1 | 34,9 | 26,3 | -17,0 | 30,7 | 11,5 | -10,7 | 0,2 | - |
| Saldo (fob-cif) | 212 | 307 | 588 | 1 006 | 1 450 | 1 930 | 1 443 | 1 759 | 1 639 | 987 | 1 106 | - |
| t.v.h. | - | 45,2 | 91,3 | 71,0 | 44,2 | 33,1 | -25,2 | 21,9 | -6,8 | -39,8 | 12,1 | - |
| Cobertura (fob/cif) | 208,7 | 209,4 | 281,6 | 384,3 | 477,0 | 598,0 | 400,0 | 333,1 | 241,1 | 165,1 | 178,9 | - |
| Timor-Leste | | | | | | | | | | | | |
| Importação (cif) | 0 | 0 | 0 | 11 | 0 | 0 | 0 | 0 | 2 | 1 | 0 | - |
| t.v.h. | - | 0,0 | 0,0 | 1 096 300,0 | -99,6 | 116,3 | -78,3 | 987,0 | 597,2 | -60,5 | -42,3 | - |
| Exportação (fob) | 1 | 2 | 1 | 6 | 10 | 9 | 23 | 43 | 70 | 62 | 47 | 4 433,6 |
| t.v.h. | - | 60,2 | -25,5 | 355,1 | 64,3 | -1,0 | 146,8 | 84,1 | 64,4 | -11,3 | -24,3 | - |
| Saldo (fob-cif) | 1 | 2 | 1 | -5 | 9 | 9 | 23 | 43 | 69 | 62 | 47 | - |
| t.v.h. | - | 60,2 | -25,6 | -506,4 | 283,2 | -1,6 | 149,3 | 83,3 | 61,3 | -10,1 | -24,1 | - |
| Cobertura (fob/cif) | - | - | 127 300,0 | 52,8 | 19 428,6 | 8 892,5 | 101 130,0 | 17 132,8 | 4 040,9 | 9 080,5 | 11 916,1 | - |

Fonte: A partir dos dados de base do International Trade Centre - ITC.

Nota: Valores das importações e exportações arredondados às unidades. Taxas de variação homóloga, saldo, cobertura e índice calculados com base nos valores não arredondados.

¹Índice= (Montante 2013/Montante 2003)*100; Base 2003=100

- : valor não disponível

Uma primeira abordagem ao quadro anterior permite aferir que as balanças comerciais apresentadas são favoráveis à China em quase todos os casos. Desta tendência excetuam-se as balanças relativas às trocas com Angola e Brasil, que exibem sempre saldo negativo ao longo do período exposto. O montante dos fluxos de mercadorias da China face a estes dois lusófonos experimentou um incremento considerável de 2003 para 2013. De acordo com o índice calculado (Base 2003=100), as importações chinesas com origem em Angola e no Brasil aumentaram 14 e 9 vezes, respetivamente, tendo as exportações com destino a estes mesmos territórios crescido 27 e 16 vezes. Apesar do aumento das exportações ser mais notório que o das importações, o montante base é menor no primeiro caso, daí que o saldo deficitário destas duas balanças se tenha agravado, ao invés de ser reduzido.

Contrariamente ao que foi verificado para os dois países supramencionados, o montante de importações e exportações relativas a Cabo Verde, Guiné-Bissau e Timor-Leste é bastante reduzido. Ainda assim, foi precisamente para Cabo Verde e Timor-Leste, a par com Moçambique, que alguns dos fluxos bilaterais registaram um incremento mais acentuado, de 2003 para 2013. Neste período, as importações

provenientes de Moçambique cresceram quase 17 vezes e as exportações chinesas com destino a Cabo-Verde, Moçambique e Timor-Leste cresceram 23, 26 e 44 vezes, respetivamente.

Do leque de países parceiros, apenas as exportações com destino à Guiné-Bissau registaram uma quebra de 2003 para 2013 (Índice=95,3).

Importa, também, fazer referência às elevadas taxas de cobertura verificadas para as trocas com alguns dos membros do Fórum, as quais espelham o gap significativo entre o valor importado e exportado pela China face a estas economias. O caso mais flagrante respeita à balança comercial China - Cabo Verde, que em 2012 registou uma cobertura das importações pelas exportações de 5.479.000%. A mesma balança já havia registado taxas de cobertura de 286.125% e 414.600% nos anos de 2010 e 2011, respetivamente. Neste campo, destaca-se também a balança China - Timor-Leste para os anos de 2005 e 2009, cujas taxas de cobertura verificadas ascenderam a 127.300% e 101.130%, respetivamente.

De acordo com os dados, parece haver um fortalecimento das relações bilaterais entre a China e os países de língua portuguesa com os quais detinha um relacionamento mais ténue.

O quadro 4 reflete o peso das trocas comerciais agrupadas dos membros do Fórum Macau no total das trocas comerciais entre a RPC e o Mundo, para o decanato 2003-2013. A RAEM não foi considerada na presente análise, dado não ser membro independente do Fórum.

**Quadro 4 - % do comércio bilateral China-Mundo pertencente aos parceiros do Fórum
2003 a 2013**

| | | 2003 | 2004 | 2005 | 2006 | 2007 | 2008 | 2009 | 2010 | 2011 | 2012 | 2013 | Índice ¹ (2003=100) | |
|-------------|---------------|---------------------|---------|---------|---------|---------|-----------|-----------|-----------|-----------|-----------|-----------|-----------------------------------|---------|
| Importações | Mundo | 10 ⁶ USD | 412 760 | 561 229 | 659 953 | 791 461 | 956 115 | 1 132 562 | 1 005 555 | 1 396 002 | 1 743 395 | 1 818 199 | 1 949 935 | 472,4 |
| | Total Membros | 10 ⁶ USD | 8 269 | 13 715 | 16 972 | 24 287 | 31 740 | 52 761 | 43 617 | 61 874 | 78 734 | 87 768 | 87 572 | 1 059,0 |
| | Peso no Total | % | 2,0 | 2,4 | 2,6 | 3,1 | 3,3 | 4,7 | 4,3 | 4,4 | 4,5 | 4,8 | 4,5 | |
| Exportações | Mundo | 10 ⁶ USD | 438 228 | 593 326 | 761 953 | 968 936 | 1 220 060 | 1 430 693 | 1 201 647 | 1 577 764 | 1 898 388 | 2 048 782 | 2 210 523 | 504,4 |
| | Total Membros | 10 ⁶ USD | 2 756 | 4 541 | 6 216 | 9 783 | 14 665 | 24 394 | 18 849 | 29 561 | 38 258 | 41 031 | 43 982 | 1 595,7 |
| | Peso no Total | % | 0,6 | 0,8 | 0,8 | 1,0 | 1,2 | 1,7 | 1,6 | 1,9 | 2,0 | 2,0 | 2,0 | |

Fonte: A partir dos dados de base do International Trade Centre – ITC.

Nota: O indicador Total Membros inclui as trocas com Angola, Brasil, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, Portugal e Timor-Leste.

¹Índice= (Montante 2013/Montante 2003) *100; Base 2003=100. Calculado com base nos valores não arredondados.

O peso do conjunto de países do Fórum Macau nos fluxos comerciais de mercadorias entre a China e o resto do Mundo aumentou ao longo dos dez anos em estudo.

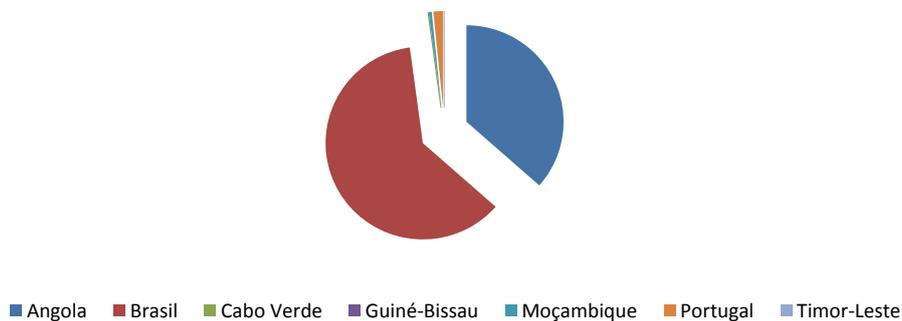
O montante total importado pelos membros do Fórum passou de 8.269 milhões de dólares, no primeiro ano considerado, para 87.572 milhões de dólares no último ano, isto é, cerca de dez vezes mais. Este grupo de economias representava 2,0% do total importado pela RPC em 2003. Volvidos dez anos, este mesmo indicador ascendia a 4,5%.

As exportações demonstram um comportamento similar. O montante total exportado pela China com destino aos parceiros do Fórum Macau era de 2.756 milhões de dólares em 2003, ascendendo a 43.982 milhões de dólares em 2013, o que representa um aumento de quase 16 vezes. O peso conjunto das exportações com destino aos membros do Fórum no total exportado pela China aumentou 1,4 pontos percentuais de 2003 para 2013, passando de 0,6 para 2,0%.

Os números apontam para uma aproximação gradual da China aos PLP no período abordado, especialmente ao nível das importações. Dados mais recentes apontam também neste sentido. No primeiro trimestre de 2014, o comércio bilateral entre a China e os PLP aumentou 10,8%.⁷

O peso total dos parceiros do Fórum Macau no comércio internacional chinês é fruto de um balanço entre o maior ou menor interesse que a China nutre por cada país da esfera lusófona. Essa afinidade está bem patente na percentagem que cada parceiro detém no total de trocas comerciais entre a China e os PLP, como se pode verificar pelos gráficos seguintes. Nesta análise também não foi considerada a RAEM.

Gráfico 1 – Peso de cada PLP no total importado pela China com origem no grupo dos PLP 2013

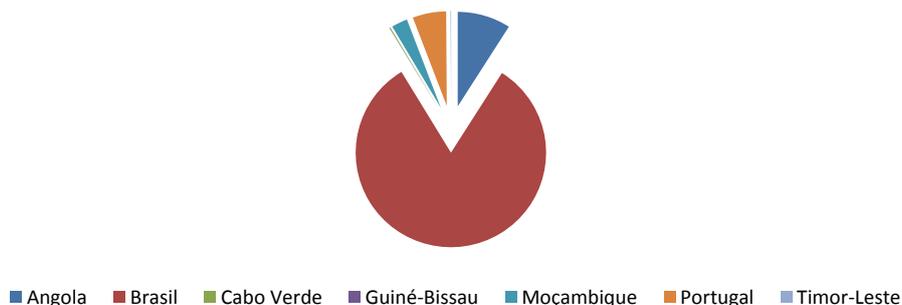


Fonte: A partir dos dados de base do International Trade Centre - ITC.

Nota: Peso = Importação com origem em cada PLP / Total importado com origem nos PLP do Fórum.

Total importado com origem nos PLP inclui as importações chinesas com origem em Angola, Brasil, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, Portugal e Timor-Leste.

Gráfico 2 - Peso de cada PLP no total exportado pela China com destino ao grupo dos PLP 2013



Fonte: A partir dos dados de base do International Trade Centre - ITC.

Nota: Peso = Exportação com destino a cada PLP / Total exportado com destino aos PLP do Fórum.

Total exportado com destino aos PLP inclui as exportações chinesas com destino a Angola, Brasil, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, Portugal e Timor-Leste.

Os gráficos mostram que a hierarquia de laços bilaterais China-PLP é liderada pelo Brasil. Seguem-se Angola, Portugal, Moçambique, Cabo Verde, Guiné-Bissau e Timor-Leste. Importa então olhar com mais detalhe para as relações bilaterais entre a China e cada uma das nações lusófonas, na tentativa de aferir qual o critério que define o interesse chinês por cada um destes países.

⁷ PE Probe, <http://www.peprobe.com/new/china-trade-with-portuguese-speaking-countries-booming>

O Brasil é o parceiro lusófono com maior relevo nas trocas comerciais China-PLP. Desta economia da América Latina, Pequim importa sobretudo soja, minérios de ferro e pastas químicas de madeira, e exporta aparelhos domésticos, equipamento eletrónico e maquinaria.

A procura por matérias-primas, recursos energéticos e recursos naturais, ainda que seja o principal motivo do interesse chinês no Brasil, não é o único. Nesta nação lusófona, Pequim procura também um mercado de consumo em crescimento que absorva os seus produtos manufaturados, bem como obter algum conhecimento especializado de indústrias de alta tecnologia. China e Brasil cooperaram já em alguns projetos industriais como a Harbin Embraer Aircraft Industry Company Limited, na área da aviação, e a Boasteel Victoria Iron & Steel, na área da siderurgia. Além do Fórum Macau, a China partilha com o Brasil outros mecanismos económicos, tais como os BRICS e os G20.

Quanto aos países africanos de língua oficial portuguesa que integram o Fórum Macau, Angola é o que tem um peso mais expressivo nas trocas comerciais da República Popular da China com os PLP.

As relações diplomáticas entre estas duas economias datam de 1983, mas só após o término da guerra civil angolana, em 2002, é que as mesmas se tornaram mais estáveis. A cooperação económica foi aprofundada em 2004, quando o Eximbank (Banco de Exportações da China) proporcionou a Angola uma linha de crédito para reconstruir infraestruturas, incluindo ferrovias, edifícios administrativos, edifícios públicos e redes elétricas, que haviam sido destruídos durante os quase trinta anos de guerra civil. Como retorno, Pequim teria acesso a alguns milhares de barris de petróleo por dia.

Desde 2004, já existiram outras linhas de crédito, acordos e contratos de construção entre os dois países. Na sua maioria, estes contratos estão ligados a matérias-primas e recursos energéticos, principais fontes do interesse chinês por Angola. Contudo, não devem ser menosprezados os influxos de companhias e cidadãos chineses que têm chegado a este país africano.

Esta “amizade” entre China e Angola tem assim proporcionado benefícios mútuos, mais ou menos equilibrados: Pequim tem acesso facilitado a recursos energéticos e naturais, e Luanda obtém empréstimos em condições mais favoráveis (taxas de juro mais baixas e mais tempo de reembolso) do que os que lhe são disponibilizados por países ocidentais ou organizações internacionais.

De Angola, Pequim importa petróleo, gás natural e diamantes. Quanto às exportações chinesas com destino a este território, os produtos manufaturados e eletrónicos são os que assumem maior destaque.

Dos parceiros lusófonos da China, Portugal é o único situado no continente europeu. Portugal e China encontraram-se pela primeira vez no século XVI, quando os navegadores portugueses chegaram a Macau. Apesar deste laço quase ancestral, as relações diplomáticas entre os dois países só foram oficialmente estabelecidas em 1979.

Os laços históricos que unem as duas economias conferem a Portugal um papel específico no seio das relações sino-lusófonas, contudo este país possui uma participação pouco expressiva no total do comércio externo sino-lusófono, quando comparada com outros PLP. A emancipação de Macau como plataforma estratégica para as relações externas sino-lusófonas e o facto de Portugal não ser rico em recursos naturais e energéticos são os principais motivos apontados. Ainda assim, existem alguns sinais de melhoria nas relações de comércio bilateral entre os dois países. No primeiro trimestre de 2014, o comércio entre China e Portugal cresceu 11,32% face ao período homólogo⁸.

A China importa de Portugal automóveis, circuitos integrados, minérios de cobre, pastas de madeira e pedras para construção. Em contrapartida, exporta essencialmente produtos eletrónicos e elétricos, tais como aparelhos telefónicos e máquinas automáticas para processamento de dados.

⁸ Disponível em: <http://www.peprobe.com/new/china-trade-with-portuguese-speaking-countries-booming>

Portugal é pouco dotado nos recursos que a China procura na maioria das economias lusófonas, e representa um mercado de consumo reduzido para escoamento de produtos. Contudo, continua ainda a ser uma porta de acesso à União Europeia.

Têm sido várias as visitas de Estado de parte a parte. Em 2005, o primeiro-ministro Wen Jiabao visitou Lisboa. Em 2007, foi a vez do primeiro-ministro português José Sócrates visitar a China e Macau. Nestas visitas, bem como na recente deslocação à China do Presidente da República Portuguesa, Aníbal Cavaco Silva, em maio de 2014, e na visita de Liu Yunshan a Portugal, em junho do mesmo ano, os líderes políticos têm salientado a importância das relações bilaterais entre os dois países^{9 10}.

Moçambique é o segundo maior parceiro da China na África lusófona. As relações diplomáticas China-Moçambique foram estabelecidas logo após a independência do país africano, em 1975.

Mais tarde, no ano de 2001, China e Moçambique estabeleceram uma Comissão Económica e Social Conjunta e assinaram dois acordos importantes: um Acordo Comercial e um Acordo para a Promoção e Proteção Recíproca do Investimento.

As relações entre os dois países conheceram uma nova dinâmica em 2003, na sequência da criação do Fórum Macau. Este mecanismo permitiu à China aproximar-se ainda mais do continente africano, em especial de economias como a de Moçambique.

Em 2006, o Eximbank da China concedeu a este país africano um empréstimo em condições vantajosas que ascendeu a 60 milhões de dólares. Este influxo permitiu a Moçambique construir ou reconstruir algumas das suas infraestruturas, perdidas durante os quase dezasseis anos de guerra civil. Algumas infraestruturas públicas, tais como escolas, estádios de futebol, estradas, pontes e ferrovias foram mesmo construídas por empresas chinesas. Além disso, Pequim cancelou também parte da dívida de Moçambique, no valor de 52 milhões de dólares.

A classe política moçambicana acolhe de bom grado esta aproximação chinesa, pois vê este país asiático como o único que lhe ofereceu auxílio quando todos os outros, nomeadamente os ocidentais, recusaram. Todavia, os mais céticos defendem uma abordagem mais defensiva, pois uma má gestão da participação chinesa em Moçambique pode culminar numa dependência semelhante à do passado em relação às potências colonizadoras¹¹.

Neste país, a China procura recursos naturais tais como madeira, carvão e minérios. Em contrapartida, exporta para este território aparelhos telefónicos, calçado e máquinas.

Na hierarquia das parcerias sino-lusófonas segue-se Cabo Verde. A República de Cabo Verde e a República Popular da China iniciaram as suas relações diplomáticas em 1976. Este arquipélago africano é muito pobre em recursos naturais, sendo os bens alimentares importados do exterior quase na totalidade. Deste modo, seria à partida expectável que o interesse da China por este lusófono fosse diminuto. No que concerne ao comércio bilateral entre os dois países, os valores de facto apontam neste sentido. Contudo, Pequim definiu outro tipo de estratégia para estas dez ilhas do Atlântico. Apesar de não possuir os recursos naturais ou energéticos que a China procura nos países lusófonos, a República de Cabo Verde tem uma posição geopolítica privilegiada, como plataforma entre Europa, África e América e oferece um vasto leque de oportunidades de laboração para as empresas chinesas.

⁹ Antes de partir para a visita de Estado à China, a 9 de maio de 2014, Aníbal Cavaco Silva salientou que as relações entre Portugal e China “vão tornar-se mais fortes no futuro em muitos domínios com base na confiança, cooperação e respeito mútuo.”, disponível em http://news.xinhuanet.com/english/indepth/2014-05/09/c_133322609.htm

¹⁰ Em visita a Portugal, em junho de 2014, o líder comunista chinês Liu Yunshan, afirmou que a China pretende “elevar as relações sino-portuguesas para um novo patamar.”, disponível em <http://www.peprobe.com/pt-pt/new/china-deseja-elevar-as-relacoes-com-portugal-para-um-novo-patamar>

¹¹ Chichava, S. (2008), “*Mozambique and China: from politics to business?*”.

Em 2003, a China Building Material Industrial Corporation for Econo-Technical Cooperation investiu cerca de 55 milhões de dólares na construção de uma fábrica de cimento em Cabo Verde. Outras empresas chinesas estiveram envolvidas na construção de infraestruturas como o Parlamento Nacional e o Palácio do Governo. Além disso, Pequim ainda perdeu parte da dívida deste arquipélago.

Para Cabo Verde, esta parceria com a RPC representa a possibilidade de obter um financiamento imediato para o seu desenvolvimento e uma oportunidade de diversificar a sua economia, extremamente dependente do turismo e das remessas dos emigrantes.

Cabo Verde é a prova mais evidente da versatilidade da estratégia da China para os países de língua portuguesa. A política externa que parecia apenas direcionada para a supressão das necessidades de recursos energéticos e naturais, consubstancia-se assim numa instrumentalização dos países menos dotados para obter vantagem noutros domínios económicos e políticos.

Por último, surgem Guiné-Bissau e Timor-Leste, como os lusófonos que têm despertado um interesse mais modesto na China. Pelo menos os dados para as trocas comerciais assim levam a crer.

De todas as economias lusófonas que integram o Fórum Macau, a Guiné-Bissau é sem dúvida a mais pobre, mais débil e mais instável. Os laços diplomáticos entre este país e Pequim foram estabelecidos pela primeira vez em 1976. Viriam a ser suspensos entre 1990 e 1998, período em que esta economia africana estabeleceu relações diplomáticas com Taiwan. Em 1998, os laços entre China e Guiné-Bissau foram retomados e têm perdurado até ao presente.

Supõe-se que o principal interesse que move as relações bilaterais entre China e Guiné-Bissau são as reservas de petróleo não exploradas deste último. Pequim tem desenvolvido projetos de cooperação com este território africano em várias áreas, tais como agro-tecnologia, habitação, educação, energia e infraestruturas. A RPC financiou também a construção de uma barragem, um porto de águas profundas, estradas, pontes e alguns edifícios governamentais, e concedeu bolsas de estudos para que estudantes guineenses tivessem a possibilidade de se formar nas universidades chinesas.

As importações chinesas com origem na Guiné-Bissau são essencialmente madeira e minérios. As exportações, por seu lado, assentam em mercadorias como arroz, máquinas e produtos resultantes da siderurgia.

Em termos geográficos, Timor-Leste é a economia lusófona que se encontra mais próxima da República Popular da China. Contudo, foi o último país de expressão portuguesa a estabelecer laços diplomáticos com Pequim, corria o ano de 2002. Apesar de Timor-Leste ter sido declarado independente de Portugal em 1975, foi imediatamente ocupado pelas forças indonésias que reclamavam soberania sobre este território. Esta anexação à Indonésia, que perdurou por quase 25 anos, roubou a vida a milhares de cidadãos timorenses e destruiu várias infraestruturas. Só em 1999, após um referendo realizado sobre a supervisão da ONU, Timor-Leste conseguiu ter alguma paz, que viria a culminar na sua independência, em 2002.

A estratégia chinesa para as relações externas com Timor-Leste é em tudo semelhante à que se tem verificado para as grandes economias luso-africanas. Pequim oferece auxílio na construção de infraestruturas, na instrução de recursos humanos e bolsas de estudo para que estudantes timorenses possam entrar nas universidades chinesas. Em troca, consolida relações com um parceiro importante no continente asiático e tem acesso “privilegiado” ao petróleo e ao gás natural que Timor-Leste possui.

A aproximação entre os dois países tem sido traduzida num montante um pouco mais expressivo de trocas comerciais entre ambos. De Timor-Leste, a China importa circuitos integrados e café, e exporta construções pré-fabricadas, produtos manufaturados de ferro e máquinas.

Para finalizar a análise desenvolvida neste ponto, o quadro que se segue sintetiza os cinco principais tipos de produtos importados e exportados pela China face a cada um dos PLP que integram o Fórum.

Para isto, recorreu-se à nomenclatura combinada (NC), definida como a nomenclatura pautal e estatística da União Europeia. A cada posição da NC corresponde um código numérico de 8 algarismos: os seis primeiros respeitam às posições e subposições da nomenclatura do Sistema Harmonizado (secções, capítulos, posições e subposições); o sétimo e oitavo algarismos identificam as subposições da NC. Neste caso foi considerada a NC até quatro dígitos (0101 a 9990).

Quadro 5 – Cinco tipos de produtos mais trocados pela China face a cada economia lusófona, 2013

| | Importação* | | | Exportação** | | |
|---------------------|-------------|----------------------------------|---------------------|--------------|-------------------------------------|---------------------|
| | NC4 | Descrição | 10 ³ USD | NC4 | Descrição | 10 ³ USD |
| Angola | 2709 | Óleos brutos de petróleo | 31 791 191 | 8711 | Motocicletas e outros ciclos | 148 702 |
| | 2711 | Gás de petróleo | 98 161 | 2522 | Cal viva, cal apagada | 121 853 |
| | 7102 | Diamantes | 50 073 | 8502 | Grupos eletrogéneos | 113 631 |
| | 2516 | Granito, pórfiro, basalto, etc | 12 183 | 7210 | Produtos laminados de ferro/aço | 106 349 |
| | 2506 | Quartzos (exceto areias) | 1 252 | 6402 | Calçado com sola de borracha | 105 194 |
| | | Peso no total (%) | 100,0 | | Peso no total (%) | 15,0 |
| Brasil | 2601 | Minérios de ferro | 21 078 021 | 8517 | Aparelhos telefónicos | 1 683 292 |
| | 1201 | Soja | 19 132 066 | 9013 | Dispositivos de cristais líquidos | 1 447 775 |
| | 2709 | Hulhas, briquetes, etc. | 3 790 999 | 8415 | Máquinas de ar condicionado | 754 316 |
| | 4703 | Pastas químicas de madeira | 1 530 456 | 8471 | Máquinas automáticas proc. dados | 741 319 |
| | 1701 | Açúcares de cana | 1 432 373 | 4202 | Arcas viagem, malas, maletas, etc. | 659 549 |
| | | Peso no total (%) | 87,4 | | Peso no total (%) | 14,6 |
| Cabo Verde | - | - | - | 8517 | Aparelhos telefónicos | 3 712 |
| | - | - | - | 4202 | Arcas viagem, malas e maletas, etc. | 2 700 |
| | - | - | - | 6104 | Fatos saia-casaco, conjuntos, etc. | 2 520 |
| | - | - | - | 9401 | Assentos | 2 360 |
| | - | - | - | 303 | Peixes congelados | 1 951 |
| | | Peso no total (%) | - | | Peso no total (%) | 21,6 |
| Guiné-Bissau | 4403 | Madeira em bruto | 10 097 | 1006 | Arroz | 870 |
| | 2601 | Minérios de ferro | 6 656 | 8701 | Tratores (veículos a motor) | 688 |
| | 4407 | Madeira serrada ou fendida | 72 | 8409 | Partes de motores de pistão | 599 |
| | - | - | - | 7210 | Produtos laminados ferro ou aço | 549 |
| | - | - | - | 902 | Chá, mesmo aromatizado | 521 |
| | | Peso no total (%) | 100,0 | | Peso no total (%) | 27,4 |
| Moçambique | 4403 | Madeira em bruto | 166 633 | 8517 | Aparelhos telefónicos | 47 049 |
| | 4407 | Madeira serrada ou fendida | 72 549 | 6402 | Calçado com sola de borracha | 42 663 |
| | 2701 | Hulhas, briquetes, etc. | 63 760 | 3105 | Arubos | 33 552 |
| | 1207 | Sementes e frutos oleaginosos | 47 257 | 8711 | Motocicletas | 33 218 |
| | 2614 | Minérios de titânio | 35 972 | 8429 | Bulldozers, angledozers, etc. | 29 870 |
| | | Peso no total (%) | 85,6 | | Peso no total (%) | 15,6 |
| Portugal | 8703 | Automóveis de passageiros | 360 893 | 8517 | Aparelhos telefónicos | 157 636 |
| | 8542 | Circuitos integrados eletrónicos | 152 859 | 8471 | Máquinas processamento de dados | 124 701 |
| | 2603 | Minérios de cobre | 69 749 | 8901 | Transatlânticos, barcos de excursão | 73 130 |
| | 4702 | Pastas químicas de madeira | 56 371 | 4202 | Arcas viagem, malas e maletas | 58 557 |
| | 2515 | Mármore, travertinos, etc. | 55 747 | 8714 | Partes de motocicletas | 49 141 |
| | | Peso no total (%) | 49,6 | | Peso no total (%) | 18,5 |

(cont.)

| | Importação* | | | Exportação** | | |
|-------------|-------------|----------------------------------|---------------------|--------------|---------------------------------|---------------------|
| | NC4 | Descrição | 10 ³ USD | NC4 | Descrição | 10 ³ USD |
| Timor-Leste | 8542 | Circuitos integrados eletrónicos | 135 | 9406 | Construções pré-fabricadas | 5 196 |
| | 901 | Café, mesmo torrado | 110 | 7210 | Produtos laminados ferro ou aço | 4 283 |
| | 1401 | Matérias vegetais para cestaria | 106 | 7308 | Construções e suas partes | 3 264 |
| | 8517 | Aparelhos telefónicos | 17 | 8429 | Bulldozers, angledozers, etc. | 2 443 |
| | 4403 | Madeira em bruto | 13 | 8517 | Aparelhos telefónicos | 2 414 |
| | | Peso no total (%) | 96,0 | | Peso no total (%) | 37,2 |

Fonte: A partir dos dados de base do International Trade Centre - ITC.

Nota: *Importações da China com origem em cada um dos parceiros do Fórum Macau.

**Exportações da China com destino a cada um dos parceiros do Fórum Macau.

‘-’: valor não disponível

As importações chinesas com origem nos parceiros lusófonos são bastante menos diversificadas do que as exportações com destino aos mesmos. A representatividade dos cinco tipos de produtos mais importados pela China de cada um dos restantes membros do Fórum é bastante elevada em quase todos os casos. Portugal é exceção, uma vez que os cinco tipos de produtos apresentados representam apenas 49,6% do total importado por Pequim.

No que concerne às exportações, a situação é bastante diferente. Os cinco tipos de produtos que a China mais exporta para cada um dos PLP representam no máximo 37,2% do total exportado (valor verificado para as trocas com Timor-Leste). Do elenco apresentado, o Brasil é o lusófono em que os cinco tipos de produtos mais recebidos da China têm menor representatividade, não indo além dos 14,6% do total.

4.2. COMÉRCIO DE MERCADORIAS DE MACAU FACE AOS MEMBROS DO FÓRUM

Portugal e China podem ser considerados os pólos do Fórum Macau: Portugal pelo cunho histórico que o liga às ex-colónias e à República Popular da China (através de Macau), e a China pela iniciativa de criação do Fórum e pelo interesse que nutre pelos países do quadro lusófono.

Apesar de Macau não ser membro direto do Fórum, é neste território que o Secretariado Permanente está sediado, evidenciando o papel simbólico de Macau como ponte entre os PLP e a China e vice-versa. Este facto confere a Macau a possibilidade de se aproximar de outras nações e diversificar a sua economia extremamente dependente do mercado do casino e do turismo.

Neste ponto será feita uma breve abordagem às trocas comerciais entre a RAEM e os membros do Fórum. Para as balanças comerciais apenas se dispõem de dados de 2002 a 2010, e para 2012.

**Quadro 6 - Balanças Comerciais de Macau face aos membros do Fórum
2002 a 2012**

| | 2002 | 2003 | 2004 | 2005 | 2006 | 2007 | 2008 | 2009 | 2010 | 2011 | 2012 | Índice ¹ (2002=100) |
|----------------------------|-----------|-----------|------------|------------|------------|------------|------------|------------|------------|------|------------|-----------------------------------|
| (milhares de U.S. dólares) | | | | | | | | | | | | |
| Angola | | | | | | | | | | | | |
| Importação (cif) | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 22 | 29 | 1 | - | 388 | - |
| Exportação (fob) | 0 | 0 | 580 | 0 | 0 | 1 | 0 | 0 | 128 | - | 174 | - |
| Saldo (fob-cif) | 0 | 0 | 580 | 0 | 0 | 1 | -22 | -29 | 127 | - | -214 | - |
| Brasil | | | | | | | | | | | | |
| Importação (cif) | 3 731 | 4 737 | 11 546 | 6 869 | 7 689 | 12 791 | 18 699 | 23 177 | 22 964 | - | 34 793 | 932,5 |
| Exportação (fob) | 43 | 74 | 65 | 322 | 2 830 | 860 | 1 330 | 56 | 23 | - | 32 | 74,4 |
| Saldo (fob-cif) | -3 688 | -4 663 | -11 481 | -6 547 | -4 859 | -11 931 | -17 369 | -23 121 | -22 941 | - | -34 761 | |
| Cabo Verde | | | | | | | | | | | | |
| Importação (cif) | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 2 | 0 | 0 | 0 | - | 0 | - |
| Exportação (fob) | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | - | 0 | - |
| Saldo (fob-cif) | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | -2 | 0 | 0 | 0 | - | 0 | - |
| China | | | | | | | | | | | | |
| Importação (cif) | 1 055 950 | 1 182 998 | 1 544 979 | 1 687 058 | 2 059 592 | 2 287 736 | 2 111 276 | 1 451 577 | 1 714 267 | - | 2 900 797 | 274,7 |
| Exportação (fob) | 367 139 | 354 634 | 391 426 | 367 750 | 379 373 | 377 566 | 245 410 | 139 922 | 99 169 | - | 112 404 | 30,6 |
| Saldo (fob-cif) | -688 811 | -828 364 | -1 153 553 | -1 319 308 | -1 680 219 | -1 910 170 | -1 865 866 | -1 311 655 | -1 615 098 | - | -2 788 393 | |

(cont.)

(milhares de U.S. dólares)

| | 2002 | 2003 | 2004 | 2005 | 2006 | 2007 | 2008 | 2009 | 2010 | 2011 | 2012 | Índice ¹ (2002=100) |
|---------------------|--------|--------|---------|---------|---------|---------|---------|---------|---------|------|---------|-----------------------------------|
| Guiné-Bissau | | | | | | | | | | | | |
| Importação (cif) | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | - | 0 | - |
| Exportação (fob) | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | - | 0 | - |
| Saldo (fob-cif) | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | - | 0 | - |
| Moçambique | | | | | | | | | | | | |
| Importação (cif) | 0 | 0 | 0 | 0 | 1 | 310 | 0 | 0 | 247 | - | 0 | - |
| Exportação (fob) | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | - | 0 | - |
| Saldo (fob-cif) | 0 | 0 | 0 | 0 | -1 | -310 | 0 | 0 | -247 | - | 0 | - |
| Portugal | | | | | | | | | | | | |
| Importação (cif) | 11 865 | 11 867 | 14 404 | 13 110 | 16 528 | 18 827 | 21 365 | 16 986 | 16 827 | - | 29 765 | 250,9 |
| Exportação (fob) | 3 158 | 4 110 | 2 700 | 2 024 | 902 | 342 | 694 | 47 | 21 | - | 48 | 1,5 |
| Saldo (fob-cif) | -8 707 | -7 757 | -11 704 | -11 086 | -15 626 | -18 485 | -20 671 | -16 939 | -16 806 | - | -29 717 | - |
| Timor-Leste | | | | | | | | | | | | |
| Importação (cif) | 0 | 3 | 0 | 38 | 79 | 310 | 181 | 0 | 111 | - | 104 | - |
| Exportação (fob) | 0 | 38 | 2 | 0 | 0 | 0 | 0 | 2 | 0 | - | 0 | - |
| Saldo (fob-cif) | 0 | 35 | 2 | -38 | -79 | -310 | -181 | 2 | -111 | - | -104 | - |

Fonte: A partir dos dados de base do International Trade Centre - ITC.

Nota: Valores das importações e exportações arredondados às unidades.

¹Índice= (Montante 2012/Montante 2002)*100; Base 2002=100. Calculado com base nos valores não arredondados.

‘-’: valor não disponível

As balanças comerciais da Região Administrativa Especial de Macau face aos países que integram o Fórum são reflexo da sua própria economia e do papel que detém na política externa chinesa.

Por um lado, e como já foi referido, a economia de Macau é dominada pelo setor dos serviços, que representam cerca de 90% do seu PIB. As suas principais atividades são os jogos de azar e o turismo. Uma vez que as balanças comerciais se referem ao comércio de mercadorias e que a RAEM não tem setor agrícola e a indústria é muito pouca, não será de estranhar que importações e exportações face a alguns dos países do Fórum sejam muito baixas ou mesmo nulas. Nesta situação encontram-se Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique e Timor-Leste.

Por outro lado, Macau foi integrado na China em 1999, tornou-se Região Administrativa Especial deste país e assumiu o papel de plataforma sino-lusófona, facto que se reflete em montantes mais expressivos para as trocas comerciais com Brasil, China e Portugal.

No decanato 2002-2012, as importações de Macau com origem no Brasil cresceram 9 vezes, tendo duplicado o montante das importações provenientes da China e de Portugal. Contrariamente, as exportações com destino às três economias mencionadas experimentaram quebras, sendo que a mais acentuada se refere às exportações com destino a Portugal (Índice=1,5).

O quadro 7 contempla a participação do grupo de países do Fórum nas trocas comerciais entre Macau e o Mundo.

Quadro 7 - % do comércio bilateral Macau-Mundo pertencente aos membros do Fórum

| | | 2002 | 2003 | 2004 | 2005 | 2006 | 2007 | 2008 | 2009 | 2010 | 2011 | 2012 | Índice ¹ (2002=100) | |
|-------------|---------------|---------------------|-------|-------|-------|-------|-------|-------|-------|-------|-------|------|-----------------------------------|-------|
| Importações | Mundo | 10 ⁶ USD | 3 009 | 3 232 | 4 094 | 4 514 | 5 236 | 6 045 | 580 | 4 751 | 5 629 | - | 8 982 | 298,5 |
| | Total Membros | 10 ⁶ USD | 1 072 | 1 200 | 1 571 | 1 707 | 2 084 | 2 320 | 2 152 | 1 492 | 1 754 | - | 2 966 | 276,8 |
| | Peso no Total | % | 35,6 | 37,1 | 38,4 | 37,8 | 39,8 | 38,4 | 36,6 | 31,4 | 31,2 | - | 33,0 | |
| Exportações | Mundo | 10 ⁶ USD | 2 357 | 2 581 | 2 812 | 2 474 | 2 557 | 2 542 | 1 998 | 961 | 870 | - | 1 021 | 43,3 |
| | Total Membros | 10 ⁶ USD | 370 | 359 | 395 | 370 | 383 | 379 | 247 | 140 | 99 | - | 113 | 30,4 |
| | Peso no Total | % | 15,7 | 13,9 | 14,0 | 15,0 | 15,0 | 14,9 | 12,4 | 14,6 | 11,4 | - | 11,0 | |

Fonte: A partir dos dados de base do International Trade Centre – ITC.

Nota: O indicador Total Membros inclui as trocas com Angola, Brasil, Cabo Verde, China, Guiné-Bissau, Moçambique, Portugal e Timor-Leste.

¹Índice= (Montante 2012/Montante 2002) *100; Base 2002=100. Calculado com base nos montantes não arredondados.

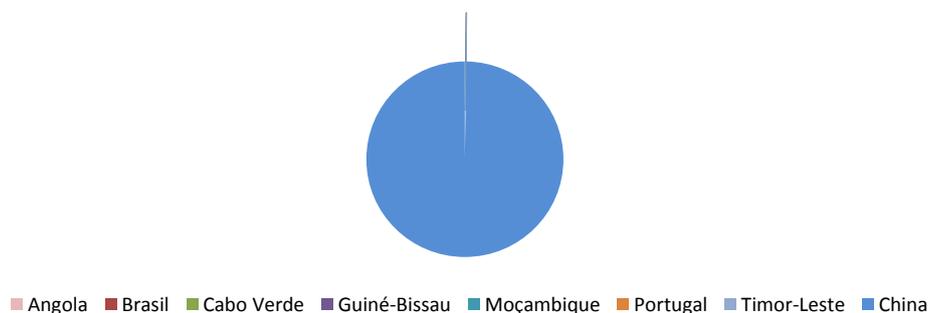
‘-’: valor não disponível

Numa primeira abordagem constata-se que as importações de Macau com origem no Mundo quase triplicaram de 2002 para 2012, tendência que foi seguida de perto pelas importações com origem no grupo de países do Fórum. Contrariamente, as exportações têm vindo a decrescer em ambos os casos.

Quanto à representatividade que os membros do Fórum assumem no total dos fluxos comerciais Macau-Mundo, é mais assinalada nas importações do que nas exportações. Para os anos mencionados, as importações provenientes dos países do Fórum representam sempre mais de 30% do total importado por Macau. Já a representatividade do mesmo grupo de países nas exportações da RAEM não vai além dos 15%.

Os gráficos 3 e 4 representam o contributo de cada membro para o total trocado entre Macau e o grupo de países que integram ao Fórum Macau.

Gráfico 3 – Peso de cada membro no total importado por Macau com origem nos países do Fórum 2012



Fonte: A partir dos dados de base do International Trade Centre - ITC.

Nota: Peso = Importação com origem em cada membro / Total importado com origem nos países do Fórum.

Total importado com origem nos membros do Fórum inclui as importações de Macau com origem em Angola, Brasil, Cabo Verde, China, Guiné-Bissau, Moçambique, Portugal e Timor-Leste.

Gráfico 4 - Peso de cada membro no total exportado por Macau com destino aos países do Fórum 2012



Fonte: A partir dos dados de base do International Trade Centre - ITC.

Nota: Peso = Exportação com destino a cada membro / Total exportado com destino aos países do Fórum.

Total exportado com destino aos membros do Fórum inclui as exportações de Macau com destino a Angola, Brasil, Cabo Verde, China, Guiné-Bissau, Moçambique, Portugal e Timor-Leste.

O comércio bilateral de mercadorias entre Macau e os membros do Fórum sino-lusófono é, em grande parte, da responsabilidade da China. A condição de soberana que exerce sobre Macau e a proximidade geográfica são as principais justificações apontadas para este facto.

Dada a escassez de informação para as trocas comerciais entre Macau e os países do Fórum, e as limitações que daí decorrem, não serão apresentados os cinco principais tipos produtos transacionados entre a RAEM e cada um dos parceiros.

Analisadas as trocas com cada um dos membros do Fórum na ótica da China e na ótica de Macau, resta fazer uma análise similar mas da perspetiva portuguesa.

4.3. COMÉRCIO DE MERCADORIAS DE PORTUGAL A FACE AOS PARCEIROS DO FÓRUM

A relação que liga Portugal e demais membros do Fórum Macau é bastante mais antiga que este mecanismo cooperativo. Angola, Brasil, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique e Timor-Leste partilham o estatuto de ex-colónias portuguesas. Também Pequim tem laços remotos com Portugal, por força dos quase quinhentos anos em que Macau, hoje Região Administrativa Especial de Macau, esteve sob soberania portuguesa. Mesmo depois de se terem tornado independentes face a Portugal, estes territórios continuam a partilhar a língua portuguesa enquanto língua oficial a par de outros dialetos e línguas.

A criação do Fórum Macau abre caminho a um estreitamento dos laços entre Portugal e restantes países de língua portuguesa que integram este mecanismo, permitindo-lhe ainda um acesso privilegiado ao mercado chinês.

O quadro seguinte é composto pelas balanças comerciais de Portugal em relação a cada um dos demais membros do Fórum Macau e à RAEM.

Quadro 8 – Balanças comerciais portuguesas face aos membros do Fórum e à RAEM
2003 a 2013

| | 2003 | 2004 | 2005 | 2006 | 2007 | 2008 | 2009 | 2010 | 2011 | 2012 | 2013 | Índice ¹ (2003=100) |
|---------------------|----------|----------|----------|-----------|------------|------------|-----------|------------|------------|-----------|-----------|-----------------------------------|
| (milhares de euros) | | | | | | | | | | | | |
| Angola | | | | | | | | | | | | |
| Importação (cif) | 2 403 | 1 830 | 25 130 | 52 749 | 369 378 | 407 996 | 151 089 | 563 452 | 1 177 501 | 1 780 876 | 2 632 359 | 109 529,0 |
| t.v.h. | - | -23,8 | 1 272,9 | 109,9 | 600,3 | 10,5 | -63,0 | 272,9 | 109,0 | 51,2 | 47,8 | |
| Exportação (fob) | 651 699 | 671 061 | 803 029 | 1 210 189 | 1 684 325 | 2 261 264 | 2 242 450 | 1 905 671 | 2 330 055 | 2 990 805 | 3 112 624 | 477,6 |
| t.v.h. | - | 3,0 | 19,7 | 50,7 | 39,2 | 34,3 | -0,8 | -15,0 | 22,3 | 28,4 | 4,1 | |
| Saldo (fob-cif) | 649 296 | 669 231 | 777 899 | 1 157 440 | 1 314 947 | 1 853 268 | 2 091 361 | 1 342 219 | 1 152 554 | 1 209 929 | 480 265 | |
| t.v.h. | - | 3,1 | 16,2 | 48,8 | 13,6 | 40,9 | 12,8 | -35,8 | -14,1 | 5,0 | -60,3 | |
| Cobertura (fob/cif) | 27 116,3 | 36 661,8 | 3 195,4 | 2 294,2 | 456,0 | 554,2 | 1 484,2 | 338,2 | 197,9 | 167,9 | 118,2 | |
| Brasil | | | | | | | | | | | | |
| Importação (cif) | 660 607 | 857 529 | 984 355 | 1 232 969 | 1 381 192 | 1 363 316 | 887 528 | 1 046 500 | 1 461 906 | 1 368 693 | 831 917 | 125,9 |
| t.v.h. | - | 29,8 | 14,8 | 25,3 | 12,0 | -1,3 | -34,9 | 17,9 | 39,7 | -6,4 | -39,2 | |
| Exportação (fob) | 129 007 | 154 459 | 178 131 | 254 642 | 258 186 | 319 807 | 294 500 | 439 511 | 583 107 | 678 773 | 772 850 | 599,1 |
| t.v.h. | - | 19,7 | 15,3 | 43,0 | 1,4 | 23,9 | -7,9 | 49,2 | 32,7 | 16,4 | 13,9 | |
| Saldo (fob-cif) | -531 600 | -703 070 | -806 224 | -978 327 | -1 123 006 | -1 043 509 | -593 028 | -606 989 | -878 799 | -689 920 | -59 067 | |
| t.v.h. | - | 32,3 | 14,7 | 21,3 | 14,8 | -7,1 | -43,2 | 2,4 | 44,8 | -21,5 | -91,4 | |
| Cobertura (fob/cif) | 19,5 | 18,0 | 18,1 | 20,7 | 18,7 | 23,5 | 33,2 | 42,0 | 39,9 | 49,6 | 92,9 | |
| Cabo Verde | | | | | | | | | | | | |
| Importação (cif) | 8 755 | 10 834 | 7 523 | 7 123 | 7 271 | 8 964 | 7 241 | 7 476 | 9 971 | 9 109 | 11 384 | 130,0 |
| t.v.h. | - | 23,8 | -30,6 | -5,3 | 2,1 | 23,3 | -19,2 | 3,2 | 33,4 | -8,6 | 25,0 | |
| Exportação (fob) | 136 749 | 139 658 | 148 822 | 189 713 | 227 950 | 257 539 | 222 707 | 262 590 | 253 786 | 215 750 | 203 219 | 148,6 |
| t.v.h. | - | 2,1 | 6,6 | 27,5 | 20,2 | 13,0 | -13,5 | 17,9 | -3,4 | -15,0 | -5,8 | |
| Saldo (fob-cif) | 127 995 | 128 824 | 141 299 | 182 590 | 220 680 | 248 575 | 215 466 | 255 114 | 243 815 | 206 641 | 191 836 | |
| t.v.h. | - | 0,6 | 9,7 | 29,2 | 20,9 | 12,6 | -13,3 | 18,4 | -4,4 | -15,2 | -7,2 | |
| Cobertura (fob/cif) | 1 562,0 | 1 289,1 | 1 978,2 | 2 663,5 | 3 134,9 | 2 873,0 | 3 075,5 | 3 512,4 | 2 545,3 | 2 368,5 | 1 785,2 | |
| China | | | | | | | | | | | | |
| Importação (cif) | 371 507 | 458 611 | 568 942 | 773 203 | 1 063 431 | 1 342 004 | 1 114 669 | 1 578 287 | 1 499 722 | 1 374 707 | 1 367 833 | 368,2 |
| t.v.h. | - | 23,4 | 24,1 | 35,9 | 37,5 | 26,2 | -16,9 | 41,6 | -5,0 | -8,3 | -0,5 | |
| Exportação (fob) | 149 661 | 101 082 | 170 589 | 213 839 | 181 136 | 184 018 | 221 818 | 233 093 | 396 587 | 777 812 | 659 034 | 440,4 |
| t.v.h. | - | -32,5 | 68,8 | 25,4 | -15,3 | 1,6 | 20,5 | 5,1 | 70,1 | 96,1 | -15,3 | |
| Saldo (fob-cif) | -221 846 | -357 529 | -398 354 | -559 364 | -882 296 | -1 157 987 | -892 850 | -1 345 194 | -1 103 136 | -596 895 | -708 798 | |
| t.v.h. | - | 61,2 | 11,4 | 40,4 | 57,7 | 31,2 | -22,9 | 50,7 | -18,0 | -45,9 | 18,7 | |
| Cobertura (fob/cif) | 40,3 | 22,0 | 30,0 | 27,7 | 17,0 | 13,7 | 19,9 | 14,8 | 26,4 | 56,6 | 48,2 | |
| Guiné-Bissau | | | | | | | | | | | | |
| Importação (cif) | 1 897 | 791 | 996 | 1 164 | 508 | 580 | 1 376 | 389 | 261 | 39 | 184 | 9,7 |
| t.v.h. | - | -58,3 | 25,9 | 16,8 | -56,4 | 14,2 | 137,0 | -71,7 | -33,0 | -84,9 | 367,7 | |
| Exportação (fob) | 16 968 | 17 818 | 24 078 | 27 067 | 34 532 | 40 401 | 33 466 | 42 772 | 64 249 | 71 473 | 70 268 | 414,1 |
| t.v.h. | - | 5,0 | 35,1 | 12,4 | 27,6 | 17,0 | -17,2 | 27,8 | 50,2 | 11,2 | -1,7 | |
| Saldo (fob-cif) | 15 072 | 17 027 | 23 081 | 25 902 | 34 024 | 39 821 | 32 090 | 42 383 | 63 988 | 71 433 | 70 084 | |
| t.v.h. | - | 13,0 | 35,6 | 12,2 | 31,4 | 17,0 | -19,4 | 32,1 | 51,0 | 11,6 | -1,9 | |
| Cobertura (fob/cif) | 894,7 | 2 251,7 | 2 416,3 | 2 324,8 | 6 795,6 | 6 960,4 | 2 432,3 | 10 992,4 | 24 662,0 | 181 587,0 | 38 167,6 | |

(cont.)

(milhares de euros)

| | 2003 | 2004 | 2005 | 2006 | 2007 | 2008 | 2009 | 2010 | 2011 | 2012 | 2013 | Índice ¹ (2003=100) |
|---------------------|--------|--------|---------|----------|---------|---------|---------|---------|---------|---------|---------|-----------------------------------|
| Macau | | | | | | | | | | | | |
| Importação (cif) | 2 125 | 2 019 | 744 | 852 | 755 | 679 | 350 | 481 | 231 | 376 | 686 | 32,3 |
| t.v.h. | - | -5,0 | -63,2 | 14,5 | -11,3 | -10,1 | -48,5 | 37,5 | -52,0 | 62,6 | 82,6 | |
| Exportação (fob) | 10 254 | 11 840 | 9 984 | 13 582 | 13 272 | 14 833 | 12 079 | 13 590 | 15 575 | 21 413 | 18 001 | 175,6 |
| t.v.h. | - | 15,5 | -15,7 | 36,0 | -2,3 | 11,8 | -18,6 | 12,5 | 14,6 | 37,5 | -15,9 | |
| Saldo (fob-cif) | 8 129 | 9 821 | 9 241 | 12 731 | 12 517 | 14 154 | 11 730 | 13 109 | 15 344 | 21 037 | 17 315 | |
| t.v.h. | - | 20,8 | -5,9 | 37,8 | -1,7 | 13,1 | -17,1 | 11,8 | 17,1 | 37,1 | -17,7 | |
| Cobertura (fob/cif) | 482,6 | 586,5 | 1 342,3 | 1 594,6 | 1 757,3 | 2 183,6 | 3 454,4 | 2 825,6 | 6 744,8 | 5 701,5 | 2 625,0 | |
| Moçambique | | | | | | | | | | | | |
| Importação (cif) | 38 449 | 26 083 | 31 657 | 28 685 | 25 641 | 33 687 | 42 800 | 29 184 | 41 983 | 16 428 | 62 721 | 163,1 |
| t.v.h. | - | -32,2 | 21,4 | -9,4 | -10,6 | 31,4 | 27,0 | -31,8 | 43,9 | -60,9 | 281,8 | |
| Exportação (fob) | 54 029 | 54 925 | 64 685 | 73 720 | 89 408 | 92 358 | 120 883 | 150 717 | 216 885 | 286 623 | 326 749 | 604,8 |
| t.v.h. | - | 1,7 | 17,8 | 14,0 | 21,3 | 3,3 | 30,9 | 24,7 | 43,9 | 32,2 | 14,0 | |
| Saldo (fob-cif) | 15 580 | 28 842 | 33 027 | 45 035 | 63 767 | 58 671 | 78 083 | 121 533 | 174 902 | 270 195 | 264 028 | |
| t.v.h. | - | 85,1 | 14,5 | 36,4 | 41,6 | -8,0 | 33,1 | 55,6 | 43,9 | 54,5 | -2,3 | |
| Cobertura (fob/cif) | 140,5 | 210,6 | 204,3 | 257,0 | 348,7 | 274,2 | 282,4 | 516,4 | 516,6 | 1 744,7 | 521,0 | |
| Timor-Leste | | | | | | | | | | | | |
| Importação (cif) | 539 | 774 | 1 271 | 1 286 | 222 | 520 | 911 | 1 119 | 1 026 | 227 | 787 | 146,1 |
| t.v.h. | - | 43,5 | 64,3 | 1,1 | -82,8 | 134,5 | 75,3 | 22,9 | -8,3 | -77,9 | 247,6 | |
| Exportação (fob) | 4 983 | 1 385 | 1 231 | 2 448 | 1 202 | 2 080 | 9 229 | 6 677 | 4 899 | 8 072 | 7 245 | 145,4 |
| t.v.h. | - | 72,2 | -11,1 | 98,8 | -50,9 | 73,0 | 343,7 | -27,7 | -26,6 | 64,8 | -10,2 | |
| Saldo (fob-cif) | 4 444 | 611 | -40 | 1 162 | 981 | 1 560 | 8 318 | 5 558 | 3 873 | 7 846 | 6 458 | |
| t.v.h. | - | -86,2 | -106,6 | -2 993,5 | -15,6 | 59,1 | 433,1 | -33,2 | -30,3 | 102,6 | -17,7 | |
| Cobertura (fob/cif) | 924,3 | 179,0 | 96,8 | 190,4 | 542,7 | 400,3 | 1 013,4 | 596,6 | 477,4 | 3 563,4 | 920,2 | |

Fonte: A partir dos dados de base do INE.

Nota: Dados das importações e exportações arredondados às unidades.

Taxas de variação homóloga, cobertura e índice calculados com base nos dados não arredondados.

¹Índice= (Montante 2013/Montante 2003) *100; Base 2003=100

'-': valor não disponível

Ao longo dos dez anos abordados, somente as balanças comerciais portuguesas face ao Brasil e à China apresentaram saldos negativos. Também a balança face a Timor-Leste apresenta saldo negativo, mas de forma pontual para o ano de 2005. Consequentemente, estes são os únicos casos em que a taxa de cobertura, do montante importado pelo montante exportado, não é total, apesar de se aproximar muito deste limiar para Timor-Leste (97%). Para as restantes observações, as taxas de cobertura são muito expressivas, atingindo valores entre 118 e 181.587%, este último verificado para a Guiné-Bissau em 2012.

Analisando comparativamente o montante de fluxos comerciais de Portugal face a cada um dos parceiros para os anos de 2003 e 2013 verifica-se que, à exceção das importações com origem na Guiné-Bissau e em Macau, houve um aumento em todos os casos, dos quais se destacam Angola, China, Brasil e Moçambique, como os que mais cresceram. As importações provenientes de Angola foram incrementadas 1095 vezes, e as exportações com destino a China, Angola, Brasil e Moçambique, cresceram 4, 5 e 6 vezes no mesmo período, respetivamente.

Em 2004, face ao período homólogo, registaram-se contrações nas importações portuguesas provenientes de Angola (-23,8%), Guiné-Bissau (-58,3%), Macau (-5,0%) e Moçambique (-32,2%), tendo aumentado percentualmente as importações com origem no Brasil (29,8%), Cabo Verde (23,8%), China (23,4%) e Timor-Leste (43,5%). Para o mesmo período, apenas as exportações portuguesas com destino à China decresceram (-32,5%), tendo crescido as exportações com destino a Angola (3,0%), Brasil (19,7%), Cabo Verde (2,1%), Guiné-Bissau (5,0%), Macau (15,5%), Moçambique (1,7%) e Timor-Leste (72,2%).

De 2012 para 2013, decresceram, em termos percentuais, as importações com origem no Brasil (-39,2%) e na China (-0,5%), tendo aumentado as importações com origem em Angola (47,8%), Cabo Verde (25,0%), Guiné-Bissau (367,7%), Macau (82,6%), Moçambique (281,8%) e Timor-Leste (247,6%). Por outro lado, verificaram-se contrações nas exportações com destino a Cabo Verde (-5,8%), China (-15,3%), Guiné-Bissau (-1,7%), Macau (-15,9%) e Timor-Leste (-10,2%), tendo sido incrementadas as exportações com destino a Angola (4,1%), Brasil (13,9%) e Moçambique (14,0%).

O quadro 9 reflete o peso das trocas comerciais agrupadas dos membros do Fórum Macau no total das trocas entre Portugal e o Mundo, para o período 2003-2013. A RAEM não integra a análise¹².

Antes de analisar os dados subsequentes, é pertinente salientar que além do Fórum Macau, Portugal integra um outro organismo cooperativo com os restantes países de língua portuguesa – a CPLP. Este facto influencia, certamente, as trocas comerciais entre Portugal e os restantes países do quadro lusófono.

Quadro 9 - % do comércio bilateral Portugal - Mundo pertencente aos membros do Fórum 2003 a 2013

| | | 2003 | 2004 | 2005 | 2006 | 2007 | 2008 | 2009 | 2010 | 2011 | 2012 | 2013 | Índice ¹ (2003=100) |
|-------------|---------------|--------|--------|--------|--------|--------|--------|--------|--------|--------|--------|--------|-----------------------------------|
| Importações | Mundo | 44 441 | 49 260 | 51 379 | 56 295 | 59 927 | 64 194 | 51 379 | 58 647 | 59 229 | 56 166 | 56 589 | 127,3 |
| | Total Membros | 1 084 | 1 356 | 1 620 | 2 097 | 2 848 | 3 157 | 2 206 | 3 226 | 4 192 | 4 450 | 4 907 | 452,6 |
| | Peso no Total | 3,9 | 3,7 | 4,5 | 5,5 | 6,5 | 8,1 | 9,9 | 8,2 | 9,0 | 11,1 | 10,9 | |
| Exportações | Mundo | 29 260 | 30 920 | 31 137 | 35 640 | 38 294 | 38 847 | 31 697 | 37 268 | 42 828 | 45 259 | 47 369 | 161,9 |
| | Total Membros | 1 143 | 1 140 | 1 391 | 1 972 | 2 477 | 3 157 | 3 145 | 3 041 | 3 850 | 5 029 | 5 152 | 450,7 |
| | Peso no Total | 2,4 | 2,8 | 3,2 | 3,7 | 4,8 | 4,9 | 4,3 | 5,5 | 7,1 | 8,1 | 8,7 | |

Fonte: A partir dos dados de base do INE.

Nota: Dados das importações e exportações arredondados às unidades.

O indicador Total Membros inclui as trocas com Angola, Brasil, Cabo Verde, China, Guiné-Bissau, Moçambique e Timor-Leste.

¹Índice= (Montante 2013/Montante 2003) *100; Base 2003=100. Calculado com base nos montantes não arredondados.

As importações conjuntas com origem na China e nos PLP do Fórum representavam 3,9% do total importado pela economia portuguesa, em 2003. Em 2013, este mesmo indicador ascendia a 10,9%. No que concerne às exportações, o peso dos parceiros no total exportado para o Mundo sofreu um incremento de 6,3 p.p. de 2003 para 2013.

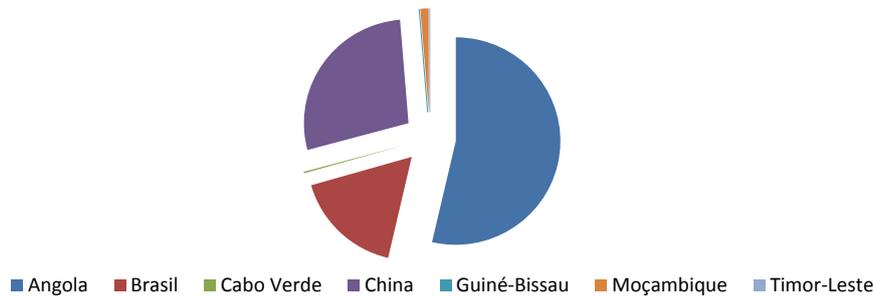
Importa destacar que, quer as importações quer as exportações lusitanas face ao grupo de parceiros do Fórum cresceram 4,5 vezes de 2003 para 2013. Já no que concerne ao montante de fluxos comerciais Portugal-Mundo, o crescimento registado foi apenas de 1,2 vezes para as importações e 1,6 vezes para as exportações.

Apesar de estes dados darem uma visão global e clara do comércio bilateral entre Portugal e o resto do Mundo que é da responsabilidade dos aliados do Fórum Macau, os mesmos não permitem diferenciar quais os intervenientes do mecanismo sino-lusófono que assumem maior relevância neste contexto.

Para colmatar esta lacuna, de seguida se apresentam os gráficos 5 e 6.

¹² A Região Administrativa Especial de Macau não integra a análise, uma vez que não é membro independente do Fórum Macau. O quadro apenas contempla as trocas comerciais com os membros do Fórum.

Gráfico 5 – Peso de cada parceiro no total importado por Portugal do grupo Fórum Macau 2013

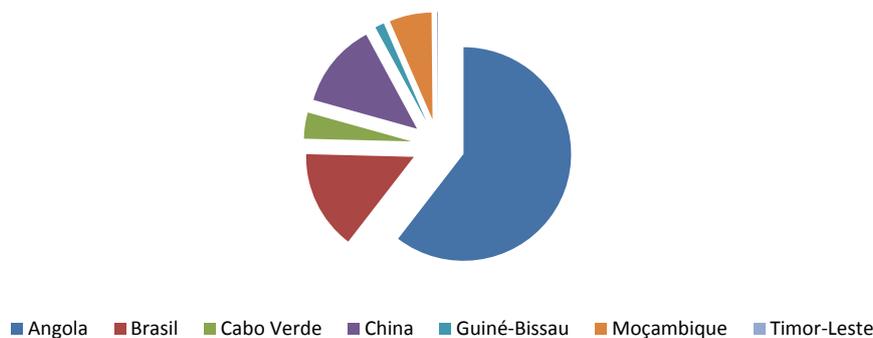


Fonte: A partir dos dados de base do INE.

Nota: Peso = Importação com origem em cada parceiro / Total importado com origem nos países do Fórum.

Total importado com origem nos membros do Fórum inclui as importações portuguesas com origem em Angola, Brasil, Cabo Verde, China, Guiné-Bissau, Moçambique e Timor-Leste.

Gráfico 6 – Peso de cada parceiro no total exportado por Portugal para o grupo Fórum Macau 2013



Fonte: A partir dos dados de base do INE.

Nota: Peso = Exportação com destino a cada parceiro / Total exportado com destino aos países do Fórum.

Total exportado com destino aos membros do Fórum inclui as exportações portuguesas com destino a Angola, Brasil, Cabo Verde, China, Guiné-Bissau, Moçambique e Timor-Leste.

Dos parceiros apresentados, Angola, China e Brasil são os que assumem maior destaque nas trocas comerciais portuguesas com o conjunto de países intervenientes no Fórum Macau. Na hierarquia seguem-se Moçambique, Cabo Verde, Guiné-Bissau e Timor-Leste.

Também Portugal parece ter mais interesse em economias mais dotadas em recursos e em franca expansão. A ordenação é muito semelhante à que se havia verificado para a República Popular da China, diferindo apenas na organização dos três primeiros. Enquanto o parceiro lusófono mais importante para a China é o Brasil, para Portugal a economia angolana é a que tem maior destaque.

Se, também neste caso, se assumir que, quanto maior o peso de cada parceiro nas trocas comerciais Portugal-Fórum Macau, maior a sua relevância para a economia portuguesa, então os motivos que suportam os laços bilaterais entre Portugal, China e ex-colónias serão muito semelhantes aos verificados para as relações sino-lusófonas. Posto isto, será feita uma breve referência às relações diplomáticas entre Portugal e os membros do Fórum e ao que Portugal procura em cada um destes países.

Do elenco de parceiros do Fórum, Angola é o que possui um peso mais expressivo nas trocas comerciais entre Portugal e o Fórum Macau. As relações diplomáticas entre estes dois países foram estabelecidas a 9 de março de 1976, alguns dias depois de o Governo Português ter reconhecido formalmente a

República Popular de Angola sob o Governo do MPLA. Todavia, estes laços viriam a ser cortados a 18 de maio do mesmo ano. Cerca de quatro meses depois, a 30 de setembro de 1976, as relações diplomáticas foram reestabelecidas e têm perdurado até à atualidade.

A economia portuguesa é dependente do exterior em termos de necessidades energéticas. Angola é rica em petróleo e diamantes. Uma parceria entre estas economias acarretaria benefícios mútuos. Portugal teria acesso facilitado a combustíveis fósseis e Angola teria uma porta para União Europeia, podendo explorar oportunidades de negócio.

Em Angola, Portugal procura precisamente combustíveis fósseis e diamantes. Para o mesmo território as exportações portuguesas são essencialmente de bens de consumo e construções.

A China é o segundo parceiro do Fórum Macau cujas trocas comerciais com Portugal apresentam maior destaque.

Estes dois países estão unidos pela história há quinhentos anos, quando Jorge Álvares chegou a território chinês (Macau). Apesar disso, apenas em 1979 foram oficialmente estabelecidas as relações diplomáticas entre ambos. Sensivelmente desde essa altura que a grande economia asiática tem apresentado uma expansão considerável. Este facto torna a China num país bastante atrativo para a internacionalização de empresas e para a captação de investimento.

Em termos de mercadorias, as importações portuguesas provenientes da China são essencialmente têxtil e calçado. As exportações, por sua vez, assentam em matérias-primas para a indústria chinesa, como minérios, madeiras ou pedras para construção.

Dos aliados lusófonos do Fórum Macau, o Brasil é o segundo que mais contribuiu para o total das trocas comerciais portuguesas com o grupo de países que integra o mecanismo cooperativo sino-lusófono.

As relações diplomáticas Portugal-Brasil não têm uma data exata. Sabe-se que o Governo Português reconheceu a República Brasileira em 1890. Este gigante da América Latina é bastante dotado em recursos naturais e energéticos, possui conhecimento avançado em áreas de alta tecnologia (como a aviação) e encontra-se em franca expansão. Daí que Portugal tenha todo o interesse, histórico e económico, em manter boas relações com o Brasil.

Deste território, Portugal importa essencialmente géneros alimentícios e produtos de alta tecnologia nos quais a indústria brasileira é especialista, e exporta alguns produtos alimentares, matérias-primas e produtos industriais.

Portugal reconheceu a soberania de Moçambique em 1975, justamente o ano em que este país foi proclamado independente. A guerra civil que se seguiu teve graves consequências neste território, a nível social, económico e de infraestruturas. Este país não possui recursos energéticos como Angola e Brasil, contudo possui uma grande variedade de recursos naturais e matérias-primas. Além disso, está a desenvolver esforços pela reconstrução das suas infraestruturas e habitações, dizimadas ao longo dos dezasseis anos de guerra civil. O comércio bilateral entre os dois países vai precisamente ao encontro destas premissas. As importações portuguesas provenientes de Moçambique são na sua maioria bens alimentares ou matérias-primas, como peixe, açúcar, tabaco ou algodão, enquanto as exportações são à base de maquinaria, equipamento elétrico ou veículos.

Segue-se na hierarquia a República de Cabo Verde. Como já tinha sido referido anteriormente, este arquipélago africano é muito pobre, a terra cultivável é muito pouca e a água é escassa, não conseguindo produzir o suficiente para fazer face às necessidades da sua população. Este facto torna Cabo Verde numa economia muito dependente do setor do turismo e das remessas dos imigrantes, obrigando-a a

importar quase tudo o que consome. A fraca contribuição deste arquipélago para o total das trocas comerciais entre Portugal e os membros do Fórum Macau é reflexo disso mesmo.

As exportações portuguesas com destino a estas dez ilhas do atlântico são à base de equipamento elétrico, maquinaria e alguns bens alimentícios. Quanto às importações, são essencialmente calçado, têxtil e recursos piscatórios.

Os últimos lugares do ranking de contributos para as trocas comerciais Portugal-Fórum pertencem a Guiné-Bissau e Timor-Leste. Ambas as economias têm um peso muito reduzido, quase nulo, no comércio bilateral entre a economia portuguesa e os membros do Fórum. O interesse português por estes territórios terá essencialmente a ver com a dotação em combustíveis fósseis que os caracteriza.

Portugal reconheceu a República da Guiné-Bissau em setembro de 1974. À semelhança de Cabo Verde, também a economia guineense é muito pobre e frágil, pelo que neste momento não fomenta grande interesse económico para Portugal. Contudo, recentemente foram mencionadas possíveis reservas de combustíveis fósseis neste território, pelo que num futuro próximo a relação entre as duas economias pode tomar outros contornos.

Apesar de muito reduzido, existe comércio bilateral entre estes dois países. Da Guiné-Bissau, a economia portuguesa importa minérios, madeira e maquinaria, e para lá exporta produtos refinados de petróleo, bebidas e produtos minerais.

Timor-Leste foi a última economia lusófona a conquistar a independência. Embora Portugal tenha deixado este território em 1974, o mesmo foi de imediato tomado pelas forças indonésias. Só em 2002, e volvidos vinte e oito anos de guerra e paz intermitentes, Timor-Leste foi proclamado independente.

As importações portuguesas com origem neste país são à base de café, têxteis e equipamento elétrico. Já as exportações dividem-se por equipamento elétrico, livros, bebidas e carne/peixe.

Neste contexto, parece não existir muito espaço nas relações bilaterais para o passado que liga Portugal e as ex-colónias. Pelo menos, este cunho histórico não se reflete totalmente na expressividade que as economias lusófonas assumem nas trocas comerciais portuguesas com o grupo de países intervenientes no Fórum Macau.

Para finalizar, é feita uma breve referência aos tipos de produtos mais trocados entre Portugal e os seus parceiros do mecanismo cooperativo sino-lusófono. O quadro sintetiza os cinco principais produtos importados e exportados por Portugal face aos restantes PLP do Fórum e à China.

Quadro 10 – Cinco tipos de produtos mais trocados por Portugal face a cada parceiro do Fórum,

2013

| | Importação* | | | Exportação** | | |
|--------|-------------|-----------------------------------|--------------------------|--------------|-----------------------------------|--------------------------|
| | NC4 | Descrição | 10 ³ Euros | NC4 | Descrição | 10 ³ Euros |
| Angola | 2709 | Óleos brutos de petróleo | 2 596 393 | 2203 | Cervejas de malte | 123 226 |
| | 2710 | Óleos de petróleo | 18 328 | 9403 | Móveis e suas partes | 105 636 |
| | 2711 | Gás de petróleo e hidrocarbonetos | 13 123 | 2204 | Vinhos de uvas frescas | 93 821 |
| | 9101 | Relógios de pulso, etc. | 673 | 7308 | Construções e suas partes | 89 549 |
| | 4403 | Madeira em bruto | 552 | 3304 | Medicamentos | 73 350 |
| | | | Peso no total (%) | 99,9 | | Peso no total (%) |
| Brasil | 1201 | Soja, mesmo triturada | 183 365 | 1509 | Azeite de oliveira e suas frações | 172 244 |
| | 2709 | Óleos brutos de petróleo | 158 804 | 7308 | Construções e suas partes | 36 892 |
| | 1005 | Milho | 147 536 | 2711 | Gás de petróleo | 33 724 |
| | 1701 | Açúcares de cana | 42 066 | 2603 | Minérios de cobre | 32 851 |
| | 8802 | Veículos aéreos propulsão motor | 35 479 | 0305 | Peixes secos, salgados, etc. | 29 445 |
| | | | Peso no total (%) | 68,2 | | Peso no total (%) |

(cont.)

| | Importação* | | | Exportação** | | |
|--------------|-------------|--------------------------------------|-----------------------|--------------|--------------------------------------|-----------------------|
| | NC4 | Descrição | 10 ³ Euros | NC4 | Descrição | 10 ³ Euros |
| Cabo Verde | 8517 | Aparelhos telefónicos | 75 982 | 2523 | Cimentos hidráulicos | 10 129 |
| | 8531 | Aparelhos eléctricos de sinalização | 59 816 | 1507 | Óleo de soja | 5 939 |
| | 4202 | Arcas viagem, malas e maletas | 36 956 | 3304 | Medicamentos | 5 113 |
| | 7210 | Produtos laminados, folheado | 33 807 | 7214 | Barras de ferro ou aço | 5 083 |
| | 7208 | Produtos laminados, não folheado | 33 221 | 0401 | Leite e nata, não concentrados | 4 703 |
| | | Peso no total (%) | | 17,5 | Peso no total (%) | |
| China | 6406 | Partes de calçado | 3 983 | 8703 | Automóveis de passageiros | 262 088 |
| | 6109 | T-shirts, camisolas interiores, etc. | 1 165 | 2515 | Mármore, travertinos, etc. | 40 086 |
| | 0306 | Crustáceos, com ou sem casca | 992 | 4704 | Pastas químicas de madeira | 39 515 |
| | 6203 | Fatos, conjuntos, casacos, etc. | 977 | 2603 | Minérios de cobre | 38 592 |
| | 6107 | Cuecas, ceroulas, etc. | 874 | 7404 | Desperdícios e resíduos, de cobre | 18 898 |
| | | Peso no total (%) | | 70,2 | Peso no total (%) | |
| Guiné-Bissau | 7204 | Desperdícios, resíduos e sucata | 74 | 2710 | Óleos de petróleo | 31 702 |
| | 4407 | Madeira serrada ou fendida | 32 | 2203 | Cervejas de malte | 4 737 |
| | 8443 | Máq. e aparelhos impressão | 9 | 2523 | Cimentos hidráulicos | 4 704 |
| | 8704 | Veículos automóveis mercadorias | 9 | 2204 | Vinhos de uvas frescas | 4 261 |
| | 8424 | Aparelhos mecânicos | 7 | 8704 | Veículos automóveis mercadorias | 1 024 |
| | | Peso no total (%) | | 71,4 | Peso no total (%) | |
| Moçambique | 1701 | Açúcares de cana ou beterraba | 39 447 | 7308 | Construções e suas partes | 15 844 |
| | 0306 | Crustáceos, com ou sem casca | 9 749 | 8429 | Bulldozers, angledozers, etc. | 14 646 |
| | 2401 | Tabaco não manufacturado | 9 680 | 8544 | Fios e cabos e outros condutores | 9 586 |
| | 5201 | Algodão não cardado | 1 393 | 9403 | Móveis e suas partes | 8 720 |
| | 7308 | Construções e suas partes | 1 011 | 4901 | Livros, brochuras e semelhantes | 7 980 |
| | | Peso no total (%) | | 97,7 | Peso no total (%) | |
| Timor-Leste | 0901 | Café, mesmo torrado | 697 | 4901 | Livros, brochuras, etc. | 1 199 |
| | 6306 | Encerados e toldos, tendas, etc. | 70 | 8517 | Aparelhos telefónicos | 1 112 |
| | 8517 | Aparelhos telefónicos | 16 | 2204 | Vinhos de uvas frescas | 686 |
| | 8538 | Partes de aparelhos da 8535 a 8537 | 4 | 8523 | Discos, fitas, dispositivos de dados | 493 |
| | 8534 | Circuitos impressos | 0 | 8537 | Quadros, painéis, consolas, etc. | 340 |
| | | Peso no total (%) | | 100,0 | Peso no total (%) | |

Fonte: A partir dos dados de base do INE.

Nota: Dados das importações e exportações arredondados às unidades.

*Importações de Portugal com origem em cada um dos parceiros do Fórum Macau.

**Exportações de Portugal com destino a cada um dos parceiros do Fórum Macau.

Quanto maior o peso dos cinco produtos mais trocados no total importado/exportado por Portugal, face a cada um dos restantes parceiros, maior a concentração das trocas. Isto é, um peso no total próximo de 100% indicará uma menor diversidade do cabaz de produtos que são comercializados. Assim, as importações portuguesas com origem nos restantes PLP e na China são menos diversificadas que as exportações com destino a esses mesmos países. Dos sete parceiros apresentados, Timor-Leste é a origem de onde Portugal importa um leque mais restrito de produtos. Contrariamente, Cabo Verde oferece a Portugal um cabaz de mercadorias para importação mais vasto, onde os cinco produtos mais importados representam apenas 17,5% do total.

Numa análise similar, efetuada para as exportações, a República de Cabo Verde volta a destacar-se. De todos os parceiros do Fórum, é para este que se verifica uma menor concentração dos produtos exportados, sendo que os cinco mais trocados representam apenas 15,2% do total das exportações Portugal-Cabo Verde. Menos diversificadas são as exportações com destino à Guiné-Bissau, com 66,1% do total exportado por Portugal alocado aos cinco principais produtos comercializados.

Apesar da ideia do Fórum Macau não ter partido de Portugal, este país é responsável pela existência do grupo de nações que hoje se conhecem por Países de Língua Portuguesa. Todos estes países partilham um passado: fizeram parte do império colonial português.

A República Popular da China, responsável pela criação do Fórum e membro do mesmo, não partilha do estatuto de ex-colónia portuguesa. A ligação da China com os PLP é feita através da Macau, este sim antigo território português. A localização privilegiada deste pequeno enclave permitiu à China criar uma espécie de ponte para as restantes nações lusófonas.

Portugal não soube aproveitar em tempo útil a soberania que exerceu sobre Macau durante quase quinhentos anos. A questão que se coloca é se apesar de tudo, Portugal tem tirado algum partido da existência do Fórum para a Cooperação Económica e Comercial entre a China e os Países de Língua Portuguesa, nomeadamente em termos de aproximação ao mercado chinês. Foi precisamente para dar resposta a esta pergunta que se levou a análise das trocas comerciais portuguesas um pouco mais longe. Como já foi referido, Portugal possui outro mecanismo cooperativo com as nações lusófonas, além do Fórum Macau, pelo que esta análise mais profunda foi realizada apenas para os laços bilaterais Portugal-China. O intuito é aferir se de 2003 (ano de criação do Fórum) a 2013, houve alguma alteração substancial da estrutura das importações/exportações portuguesas para a RPC, ao nível dos grandes grupos de produtos e dos dez tipos de produtos mais trocados.

Quadro 11 – Importações e exportações portuguesas face à China, por grupo de produtos

| Grupos* | 1000 Euros | | Índice ¹ 2013 (2003=100) | Estrutura (%) | |
|----------------------------|----------------|------------------|--|---------------|--------------|
| | 2003 | 2013 | | 2003 | 2013 |
| Total | 371 507 | 1 360 494 | 366,2 | 100,0 | 100,0 |
| Agroalimentares | 22 768 | 98 200 | 431,3 | 6,1 | 7,2 |
| Energéticos | 2 328 | 2 487 | 106,9 | 0,6 | 0,2 |
| Químicos | 42 625 | 144 653 | 339,4 | 11,5 | 10,6 |
| Madeira, cortiça e papel | 11 622 | 15 040 | 129,4 | 3,1 | 1,1 |
| Peles, couros e têxteis | 42 307 | 126 822 | 299,8 | 11,4 | 9,3 |
| Vestuário e Calçado | 28 913 | 146 155 | 505,5 | 7,8 | 10,7 |
| Minérios e metais | 28 419 | 178 261 | 627,3 | 7,6 | 13,1 |
| Máquinas | 117 763 | 475 392 | 403,7 | 31,7 | 34,9 |
| Material de transporte | 5 796 | 41 850 | 722,0 | 1,6 | 3,1 |
| Produtos acabados diversos | 68 966 | 131 633 | 190,9 | 18,6 | 9,7 |
| Total | 149 661 | 659 034 | 440,4 | 100,0 | 100,0 |
| Agroalimentares | 3 341 | 17 681 | 529,3 | 2,2 | 2,7 |
| Energéticos | 6 | 1 503 | 26 749,9 | 0,0 | 0,2 |
| Químicos | 5 951 | 44 589 | 749,2 | 4,0 | 6,8 |
| Madeira, cortiça e papel | 14 140 | 85 133 | 602,1 | 9,4 | 12,9 |
| Peles, couros e têxteis | 3 290 | 36 540 | 1 110,7 | 2,2 | 5,5 |
| Vestuário e Calçado | 352 | 11 791 | 3 348,1 | 0,2 | 1,8 |
| Minérios e metais | 6 503 | 119 410 | 1 836,4 | 4,3 | 18,1 |
| Máquinas | 106 794 | 49 403 | 46,3 | 71,4 | 7,5 |
| Material de transporte | 1 440 | 274 838 | 19 082,1 | 1,0 | 41,7 |
| Produtos acabados diversos | 7 844 | 18 146 | 231,3 | 5,2 | 2,8 |

Fonte: A partir dos dados de base do INE.

Nota: Dados das importações e exportações arredondados às unidades.

¹Índice= (Montante 2013/Montante 2003) *100; Base 2003=100. Calculado com base nos valores não arredondados.

*Composição dos grupos de produtos no Anexo 1.

No ano de 2013, comparativamente a 2003, a hierarquia de importações portuguesas com origem na China não se alterou, continuando a ser o grupo “Máquinas” a contribuir com maior valor, em termos percentuais, para o total importado. Em termos de exportações, denota-se uma alteração significativa nos três grupos com maior peso na estrutura total. Assim, em 2003, o grupo “Máquinas” era o que mais pesava nas exportações portuguesas com destino à China (71,4%), seguido por “Madeira, cortiça e papel” e “Produtos acabados diversos”. Em 2013, a liderança estava a cargo do “Material de transporte”, ao qual se seguiam os grupos “Minérios e metais” e “Madeira, cortiça e papel” e onde apenas 7,5% do total exportado pertencia ao grupo “Máquinas”.

O quadro seguinte é composto pelos dez principais tipos de produtos, importados e exportados, por Portugal face à China, nos anos de 2003 e 2013. Também, neste caso, foi utilizada a Nomenclatura

Combinada a quatro dígitos. O objetivo é aferir se, à semelhança do que foi verificado para os grupos de produtos, houve alguma alteração na hierarquia e no montante dos produtos transacionados entre as duas economias de 2003 para 2013.

Quadro 12 – Dez principais tipos de produtos importados e exportados face à China

| | 2003 | | | 2013 | | |
|-------------|--------------------------|---|-----------------------|--------------------------|--|-----------------------|
| | NC4 | Descrição | 10 ⁹ euros | NC4 | Descrição | 10 ⁹ euros |
| Importações | 8516 | Aquecedores elétricos de água | 17 903 | 8517 | Aparelhos telefónicos, incluindo os telefones para redes celulares | 75 982 |
| | 9503 | Triciclos, trotinetas, carros | 16 200 | 8531 | Aparelhos elétricos de sinalização acústica ou sinal, e suas partes | 59 816 |
| | 3806 | Colofónias e ácidos resinicos, e seus derivados | 11 483 | 4202 | Arcas para viagem, malas e maletas, incluídas as de tocador | 36 956 |
| | 8527 | Aparelhos recetores para radiodifusão | 10 530 | 7210 | Prod. laminados planos, de ferro ou aço não ligado, folheados e chapeados | 33 807 |
| | 4202 | Arcas para viagem, malas | 10 441 | 7208 | Prod. laminados planos, de ferro ou aço não ligado, não folheados ou chapeados | 33 221 |
| | 8471 | Máquinas automáticas para processamento de dados e suas unidades | 9 883 | 8471 | Máquinas automáticas para processamento de dados e suas unidades | 32 280 |
| | 8517 | Aparelhos telefónicos, incluindo os telefones para redes celulares | 9 578 | 8516 | Aquecedores elétricos de água, incluídos os de imersão | 30 981 |
| | 8521 | Aparelhos videofónicos de gravação | 9 239 | 8714 | Partes e acessórios de motocicletas, bicicletas e outros ciclos | 30 601 |
| | 305 | Peixes secos, salgados ou em salmoura | 6 205 | 5402 | Fios de filamentos sintéticos, incluídos os monofilamentos sintéticos | 28 858 |
| | 8534 | Circuitos impressos | 5 582 | 305 | Peixes secos, salgados ou em salmoura | 26 305 |
| | Peso no total (%) | 28,8 | | Peso no total (%) | 28,4 | |
| Exportações | 8542 | Circuitos integrados eletrónicos, e suas partes | 83 251 | 8703 | Automóveis de passageiros e outros veículos automóveis | 262 088 |
| | 4501 | Cortiça natural em bruto ou simplesmente preparada | 4 820 | 2515 | Mármore, travertinos, granitos belgas e outras pedras calcárias de cantaria | 40 086 |
| | 8419 | Aparelhos e dispositivos, mesmo aquecidos eletricamente | 4 810 | 4704 | Pastas químicas de madeira, ao bissulfito (exceto pastas de dissolução) | 39 515 |
| | 2515 | Mármore, travertinos, granitos belgas e outras pedras calcárias de cantaria | 3 608 | 2603 | Minérios de cobre e seus concentrados | 38 592 |
| | 8409 | Partes reconhecíveis como exclusiva e principalmente destinadas aos motores | 3 463 | 7404 | Desperdícios e resíduos, de cobre, assim como, obras de cobre | 18 898 |
| | 8544 | Fios e cabos, incluídos os cabos coaxiais, e outros condutores | 3 343 | 5503 | Fibras sintéticas descontinuas, não cardadas, não penteadas | 15 514 |
| | 3304 | Medicamentos (exceto produtos da posição 3002, 3005 ou 3006) | 3 153 | 4703 | Pastas químicas de madeira, à soda e ao sulfato (exceto pastas de dissolução) | 15 063 |
| | 303 | Peixes congelados (exceto filetes e outra carne de peixes da posição 0304) | 3 122 | 2204 | Vinhos de uvas frescas, incluídos vinhos enriquecidos com álcool | 11 245 |
| | 4504 | Cortiça aglomerada, com ou sem aglutinantes | 2 843 | 2516 | Granito, pórfiro, basalto, arenito e outras pedras de cantarias ou de construção | 11 022 |
| | 4810 | Papel e cartão revestido de caulino e de outras substâncias inorgânicas. | 2 287 | 8536 | Aparelhos para interrupção, seccionamento, proteção, derivação | 10 846 |
| | Peso no total (%) | 76,6 | | Peso no total (%) | 70,2 | |

Fonte: A partir dos dados de base do INE.

De 2003 para 2013, os dez principais produtos de origem chinesa importados por Portugal sofreram algumas alterações, tanto a nível da hierarquia como do montante transacionado, contudo continuam a ser, na sua maioria, aparelhos elétricos ou eletrónicos e o seu peso no total importado permanece cerca de 28%. Verifica-se, para 2013, uma maior representatividade dos “Aparelhos telefónicos, incluindo os telefones para redes celulares”, em detrimento dos “Aquecedores elétricos de água”, que ocupavam a primeira posição do ranking em 2003.

No ramo das exportações, as alterações são mais significativas. Dos dez tipos produtos mais exportados em 2003, apenas as “Mármore, travertino, granito belga e outras pedras calcárias de cantaria” se mantêm na hierarquia volvida uma década, onde ocupam a segunda posição. Para o primeiro ano apresentado, o pódio dos itens mais exportados pertencia aos “Circuitos integrados eletrónicos e suas partes”, seguindo-se a “Cortiça natural em bruto ou simplesmente preparada” e os “Aparelhos e dispositivos, mesmo aquecidos eletricamente”. Já em 2013, as exportações com destino à China eram lideradas pelos “Automóveis de passageiros, e outros veículos automóveis”, sendo a segunda e terceira posições ocupadas pelas “Mármore, travertino, granito belga e outras pedras calcárias de cantaria” e “Pastas químicas de madeira, ao bissulfito (exceto pastas de dissolução)”, respetivamente. Note-se, ainda, que o peso dos dez tipos de produtos mais representativos caiu 6,4 p.p. de 2003 para 2013, todavia continua superior a 70%. A comparação deste indicador entre importações e exportações aponta para uma maior diversidade de produtos exportados do que importados da China.

5. CONCLUSÃO

O legado lusófono deixado por Portugal, durante os quase quinhentos anos de soberania sobre Macau, permanece ainda bem marcado nos dias que correm, mesmo após a entrega deste território à República Popular da China, em 1999. A presença portuguesa deixou marcas a nível arquitetónico, económico, jurídico e social, que têm sido preservadas com grande afincamento pela China. Foi esta ligação privilegiada entre Macau e a lusofonia que deu o mote para a criação do Fórum para a Cooperação Económica e Comercial entre a China e os Países de Língua Portuguesa, a 13 de outubro de 2003.

Passados dez anos desde a criação deste mecanismo cooperativo, a questão que se coloca é se o mesmo terá honrado o propósito para que foi criado, isto é, se têm sido fortalecidas as relações bilaterais entre a RPC e os países de expressão portuguesa que integram o Fórum Macau.

A balança comercial da República Popular da China relativamente a cada um dos seus parceiros do Fórum Macau é-lhe favorável em quase todos os casos, exceto face a Angola e Brasil. São precisamente as trocas com estes dois países que assumem o maior destaque em termos de evolução, o que reflete uma aproximação clara da China a estas economias. Todavia, há que salientar que estes dois países partilham, além do Fórum Macau, vários outros mecanismos cooperativos com a China, o que dificulta uma perceção clara sobre as trocas comerciais que se devem ao Fórum e as que se devem a outras parcerias.

Quanto aos laços bilaterais de Pequim face a Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, Portugal e Timor-Leste, verifica-se um fortalecimento das relações bilaterais (favorável à China) para todos os casos, ainda que esta seja mais notável para os quatro primeiros países mencionados.

A Região Administrativa Especial de Macau assume, no contexto cooperativo sino-lusófono, um papel simbólico. As balanças comerciais entre este pequeno território e os membros do Fórum são, de certa forma, um reflexo deste papel, bem como da sua dependência económica face ao setor dos serviços. A análise realizada mostra que o comércio bilateral de mercadorias é nulo ou muito baixo face a países como Cabo Verde, Guiné-Bissau, Angola, Moçambique e Timor-Leste.

Mais apreciável é o comércio externo com Brasil, China e Portugal. Existem várias justificações possíveis para este facto. As principais são: a dependência de Macau relativamente ao setor do jogo, a proximidade territorial e a condição de soberana da China sobre esta região, e a não autonomia em termos de política externa. De outro modo, o setor agrícola e o setor industrial de Macau são muito pouco representativos. Assim sendo, esta região importa quase tudo o que consome e exporta muito pouco, pelo que haverá um menor interesse em países mais distantes ou mais pobres (Cabo-Verde, Guiné-Bissau, Angola, Timor-Leste e Moçambique). Por outro lado, a proximidade geográfica entre China e Macau, bem como a condição de RAEM sujeita à soberania chinesa, abrem caminho a um maior relacionamento bilateral entre estes dois territórios em detrimento dos outros membros do Fórum. Além disto, e apesar da autonomia que foi facultada a Macau, a política externa continua a ser competência da soberana China, fazendo deste território um entreposto entre os principais lusófonos e a China.

Apesar da iniciativa de criação do Fórum Macau ter partido da China, não é possível menosprezar o papel de Portugal no contexto do comércio sino-lusófono. Todos os membros que integram esta aliança cooperativa, com ressalva para República Popular da China, podem intitular-se de ex-colónias portuguesas, o que à partida favoreceria Portugal no contexto de comércio bilateral com estes países.

Efetou-se um exame geral dos fluxos de mercadorias existentes entre Portugal e cada um dos membros do Fórum e a RAEM, tendo-se concluído que, no decurso dos dez primeiros anos do Fórum Macau, Angola e China foram as origens para as quais o montante de importações mais cresceu. Por seu turno,

Brasil e Moçambique foram os clientes cujo montante transacionado mais se incrementou de 2003 para 2013. Estes quatro países são também os que assumem maior destaque na totalidade das trocas comerciais entre Portugal e o grupo de parceiros do mecanismo cooperativo sino-lusófono.

Posteriormente restringiu-se a análise aos fluxos comerciais portugueses face à China tendo por base quer os montantes totais das trocas, quer os grupos e os tipos de produtos transacionados.

No que concerne aos totais importados e exportados, a evolução entre 2003 e 2013, evidencia uma aproximação entre Portugal e China, uma vez que ambos os fluxos comerciais ampliaram os seus montantes.

Relativamente à estrutura dos grupos de produtos mais representativos para o total trocado, foram verificadas algumas alterações. O grupo “Máquinas”, que em 2003 representava a maior fatia do total exportado para a China, diminuiu drasticamente o seu contributo em benefício do “Material de transporte” e dos “Minérios e metais”. A estrutura das importações com origem na China permanece inalterada e continua, dez anos depois, a ser dominada pelo grupo “Máquinas”.

Em última análise, e atendendo aos tipos de produtos trocados, conclui-se que a tendência é em tudo semelhante à verificada para os grandes grupos de produtos. Os tipos de produtos mais exportados para a República Popular da China foram os que experimentaram as alterações mais significativas, quer em montante quer em hierarquia. No primeiro ano abordado, Portugal exportava para a China essencialmente “Circuitos integrados eletrónicos e suas partes”. Passados dez anos, os tipos de produtos que assumem maior destaque são os “Automóveis de passageiros” e os “Mármore, travertinos, granitos belgas e outras pedras calcárias de cantaria”.

A análise levada a cabo no presente estudo, está limitada pela escassez de dados que permitam aferir com exatidão qual o volume de trocas comerciais entre China e Países Lusófonos imputável à existência do Fórum Macau. Contudo, os indícios apontam para um maior benefício extraído pelo China face aos restantes intervenientes.

Apesar de o Fórum Macau ser um mecanismo multilateral, Pequim tem direcionado a sua abordagem mais para o fortalecimento dos laços bilaterais com os países de expressão portuguesa que integram o Fórum, nomeadamente nos casos em que esta relação era mais ténue no passado. Para a China, o Fórum foi um projeto bem concretizado que permitiu maximizar as potencialidades de Macau enquanto ex-colónia e daí retirar benefícios, tais como a aproximação privilegiada a países de expressão portuguesa ricos em recursos energéticos.

Quanto a Portugal, seria expectável que a existência de uma aliança como o Fórum Macau e o passado marcante que liga este país da Península Ibérica a Macau, Angola, Brasil, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique e Timor-Leste trouxesse mais benefícios ao primeiro destes, quer na aproximação às ex-colónias, quer no acesso facilitado ao mercado chinês. Contudo, a análise efetuada aponta apenas para um ligeiro estreitamento das relações com alguns membros do Fórum, com especial destaque para a Angola e China.

No caso de Macau, parece mesmo haver um afastamento em termos de comércio bilateral de mercadorias. Este afastamento pode dever-se a dois motivos. O primeiro motivo respeita à entrega de Macau à soberania chinesa em 1999, facto que pode ter “arrefecido” a relação bilateral entre Portugal e o pequeno enclave oriental. O segundo motivo prende-se com a entrada da República Popular da China na Organização Mundial do Comércio (OMC), a 11 de dezembro de 2001. A integração nesta organização exigiu um ajustamento e abertura do mercado chinês ao exterior. A China teve de reformar os seus sistemas de importação e exportação e do câmbio, bem como reduzir barreiras alfandegárias e medidas de proteção dos seus produtos, e limitar os incentivos à exportação. Antes da entrada da China na OMC,

grande parte dos fluxos de mercadorias Portugal-China eram feitos via Macau. Após 2001, e graças à maior abertura do mercado chinês, os fluxos comerciais entre Lisboa e Pequim passaram a ser feitos de forma direta, o que poderá explicar a redução dos montantes importados e exportados entre Portugal e Macau.

O relacionamento com China, Macau e as nações lusófonas do Fórum não reflete totalmente as potencialidades da economia portuguesa enquanto porta de entrada na Europa, nem reflete as potencialidades de Macau enquanto porta de entrada na China e no mercado do oriente.

Dez anos após a sua criação, o Fórum Macau “assume uma importância estratégica da China para a Lusofonia, num quadro de cariz mais político do que de valor económico, mas que promove Pequim como parceiro de referência”¹³. À boleia deste mecanismo cooperativo, a China conquistou não só parceiros na obtenção de produtos essenciais ao seu desenvolvimento, como o petróleo de Angola, como também investimentos importantes, tais como as participações na REN, na EDP e na Caixa Seguros em Portugal.¹⁴

Apesar da desigualdade de oportunidades que ainda se verificam para os vários membros do Fórum, este mecanismo de cooperação tem dado frutos que são benéficos a todos os intervenientes.

¹³ PE Probe, <http://www.peprobe.com/pt-pt/new/prchina-forum-macau-como-ponta-de-lanca-da-china-na-lusofonia>
¹⁴ PE Probe, <http://www.peprobe.com/pt-pt/new/empresas-chinas-entram-em-portugal-a-boleia-das-privatizacoes>
PE Probe, <http://www.peprobe.com/new/portuguese-president-eyes-stronger-portugal-china-ties>

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Alves, A. (2008), “China’s Lusophone Connection”, Africa Report n.º 2.
- Alves, A. (2005), “Macau: Uma ponte entre a China e os países africanos de língua oficial portuguesa”, Administração n.º69, Vol. XVIII, 3ª edição, 1163-1173.
- Barros, J. A. (2012), Intervenção no Seminário sobre a “Cooperação económica e comercial entre Guangdong, Macau e Portugal”.
- Chichava, S. (2008), “Mozambique and China: from politics to business?”, Instituto de Estudos Sociais e Económicos, Discussion Paper n.º 05/2008, disponível em http://www.iese.ac.mz/lib/publication/dp_2008/DP_05_MozambiqueChinaDPaper.pdf
- Chung, T. and Tieben, H. (2009), “Macau: Ten years after the Handover”, Journal of Current Chinese Affairs, 38, 1, 7-17.
- CIA, The World Factbook, disponível em <https://www.cia.gov/library/publications/the-world-factbook/>
- Edmonds, R. L. and Yee, H. S. (1999), “Macau: from portuguese autonomous territory to China Special Administrative Region”, The China Quarterly, 160, 801-817.
- Fórum Macau - www.forumchinapl.org.mo
- Horta, L. (2008), “China’s relations with Mozambique: a mixed blessing”, Center for Strategic & International Studies.
- Instituto Internacional de Macau (2009), “Macau e as relações económicas China/países de língua portuguesa: 1999-2009 – Dez anos de crescimento”, 1º edição.
- Instituto Nacional de Estatística - www.ine.pt
- International Trade Centre - www.intracen.org
- Matias, J. C. (2009), “Macau, China and the Portugueses Speaking Countries”.
- Mendes, C. A. (2013), “A relevância do Fórum Macau: o Fórum para a Cooperação Económica e Comercial entre a China e os Países de Língua Portuguesa”, Nação e Defesa, n.º134-5ª série, 279-296.
- Pereira, B. F. (2006), “Relações entre Portugal e a República Popular da China”, A Ressurgência da China.
- Pereira, S. B., “Perspetiva portuguesa do Fórum para a Cooperação Económica e Comercial entre a China e os Países de Língua Portuguesa”.
- Rodrigues, H. “A afirmação da China em África e a utilização de Macau como plataforma de aproximação aos países lusófonos”, Centro de Estudos Sociais.
- San, C.S. (2006), “Rationales and options for economic diversification in Macao”, Monetary Authority of Macao.
- Serra, E.G., “Considerações sobre os impactos da entrada da China na OMC”.

United Nations (2010), International Trade Statistical Yearbook 2009, Vol. II – Trade by commodity, disponível em <http://comtrade.un.org/pb/WorldTables.aspx?y=2009>

United Nations (2012), International Trade Statistical Yearbook 2011, Vol. II - Trade by commodity, disponível em <http://comtrade.un.org/pb/WorldTables.aspx?y=2011>

United Nations (2013), International Trade Statistical Yearbook 2012, Vol. II - Trade by commodity, disponível em <http://comtrade.un.org/pb/WorldTables.aspx?y=2012>

“EU, US and China together account for half of world GDP”, Eurostat News release 69/2014, disponível em http://epp.eurostat.ec.europa.eu/cache/ITY_PUBLIC/2-30042014-DP/EN/2-30042014-DP-EN.PDF

“China: Trade with Portuguese-speaking countries booming”, Portugal Economy Probe, disponível em <http://www.peprobe.com/new/china-trade-with-portuguese-speaking-countries-booming>

“China deseja ‘elevar as relações com Portugal para um novo patamar’”, disponível em <http://www.peprobe.com/pt-pt/new/china-deseja-elevar-as-relacoes-com-portugal-para-um-novo-patamar>

“PR/China: Fórum Macau como ponta de lança da China na Lusofonia”, Portugal Economy Probe, disponível em <http://www.peprobe.com/pt-pt/new/prchina-forum-macau-como-ponta-de-lanca-da-china-na-lusofonia>

“Empresas chinesas entram em Portugal à boleia das privatizações”, Portugal Economy Probe, disponível em <http://www.peprobe.com/pt-pt/new/empresas-chinas-entram-em-portugal-a-boleia-das-privatizacoes>

Entrevista ao Presidente Aníbal Cavaco Silva, de 9 de maio de 2014, antes da visita de Estado à China, disponível em http://news.xinhuanet.com/english/indepth/2014-05/09/c_133322609.htm

Anexo I

Definição do conteúdo dos Grupos de Produtos

| Grupos | Capítulos da NC |
|----------------------------|------------------------|
| Alimentos | 01 a 24 |
| Energéticos | 27 |
| Químicos | 28 a 40 |
| Madeira, cortiça e papel | 44 a 49 |
| Peles, couros e têxteis | 41 a 43, 50 a 60, 63 |
| Vestuário e calçado | 61, 62, 64 a 67 |
| Minérios e metais | 25, 26, 71 a 83 |
| Máquinas | 84, 85 |
| Material de transporte | 86 a 89 |
| Produtos acabados diversos | 68 a 70, 90 a 99 |